

## **Investigação na Prática de Ensino Supervisionada**

### **As birras no Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico**

**Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e  
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico**

**Tânia Vanessa Colaço de Jesus**

**Orientadora:**

**Professora Sónia Seixas**

**2020, julho**

## *Agradecimentos*

O presente trabalho de investigação não foi fácil de realizar, uma vez que encontrei vários obstáculos que só com empenho e dedicação ao longo do trabalho, consegui atingir a meta final.

Para começar é com grande consideração que expresso os meus agradecimentos a todos os que me apoiaram no decorrer do meu percurso até à concretização do relatório final.

Primeiramente, agradeço desde já à minha orientadora, professora Sónia Seixas, por ter aceite. Agradeço também por todo o apoio que me deu ao longo da construção da tese, pela motivação, pelos ensinamentos e pela permanente disponibilidade mostrada, ao longo de todo este processo. Foi através das suas observações e conselhos que me foi possível desenvolver esta investigação.

Um agradecimento especial aos meus pais e à minha família por me terem apoiado e batalhado comigo em todas as etapas, por terem acreditado em mim e por me terem incentivado a concluir este meu percurso, pois sem eles nada daquilo que realizei neste trabalho seria possível.

Quero também deixar o meu agradecimento a todos os professores/as que me acompanharam desde a licenciatura, pois foram os seus contributos que me fizeram crescer enquanto futura profissional.

Quero agradecer também às educadoras e professoras que contribuíram para a concretização desta investigação, pois sem elas também não seria possível a sua realização.

## Resumo

O presente relatório reflete o percurso realizado durante os quatro semestres que constituem o Mestrado em Educação Pré-escolar e em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este visa analisar as estratégias utilizadas pelas educadoras/professoras em situação de birra, na perspetiva dos/as docentes. Posto isto, este trabalho está dividido em duas partes, sendo estas, a dimensão reflexiva e a dimensão investigativa. Na primeira parte, encontra-se a descrição e a reflexão sobre as minhas vivências ao longo do mestrado, nomeadamente nos contextos de creche, jardim-de-infância e 1.º Ciclo (1.º e 3.º ano), onde menciono as aprendizagens, as dificuldades, a evolução, os receios e as questões que ocorreram desde o início até ao fim da minha prática pedagógica. Na segunda parte, é apresentado o trabalho de investigação desenvolvido sobre a temática das birras. Teve como principais objetivos compreender o porquê de as crianças nesta faixa etária fazerem birras e definir estratégias que podem ser utilizadas pelo educador de infância/professor na sua ação educativa para gerir estas situações. O presente estudo é qualitativo e de caráter descritivo, utilizando para a recolha de dados a técnica da entrevista. A amostra foi constituída por seis docentes, sendo estas três professoras do 1ºciclo do ensino básico e três educadoras de infância. Podemos concluir que, existem várias estratégias que podem ser utilizadas pelos educadores de infância e pelos professores para gerir uma situação de birra, nomeadamente, a maioria dos sujeitos referiu o diálogo com a criança que está a fazer birra, a atribuição de consequências e, ainda, fazerem com que a criança reflita sobre as suas atitudes. Mencionaram ainda que as principais causas das birras são a necessidade de oposição da criança a algo e o egocentrismo, mas que no entanto, as birras fazem parte do desenvolvimento normal da criança.

### **Palavras chave:**

Birras, Estratégias, Prática Pedagógica, Pré-Escolar; 1º Ciclo.

## *Abstract*

This report reflects the path taken during the four semesters that make up the Master in Pre-school Education and in Teaching of the 1st Cycle of Basic Education. This aims to analyze the strategies used by educators / teachers in a tantrum situation, from the perspective of the teachers. That said, this work is divided into two parts, these being the reflective and investigative dimensions. In the first part, there is a reflection on my experiences throughout the master's degree, namely in the contexts of daycare, kindergarten and 1st cycle (1st and 3rd year), where I mention the learnings, the difficulties, the evolutions, the fears and the questions that occurred from the beginning to the end of my pedagogical practice. In the second part, the research work developed on the theme of tantrums is presented. Its main objectives are to understand why children in this age group have tantrums and define strategies that can be used by the kindergarten teacher / teacher in their educational action to manage these situations. The present study is qualitative and descriptive, using the interview technique for data collection. The sample consisted of six teachers, three of whom are teachers of the 1st cycle of basic education and three are kindergarten teachers. We can conclude that, there are several strategies that can be used by educators and teachers to manage a tantrum situation, namely, most subjects reported can dialogue with the child who is having a tantrum, they can attribute consequences and make the child reflect on their attitudes. They also mentioned that the main causes of tantrums are the child's need for opposition to something and egocentricity, but that tantrums are part of the child's normal development.

### **Keywords:**

Tantrums, Strategies, Pedagogical Practice, Pre-school, 1st cycle.

## Índice

<i>Agradecimentos</i> .....	ii
<i>Resumo</i> .....	iii
<i>Abstract</i> .....	iv
<i>Introdução</i> .....	1
<i>Parte I – Descrição dos Contextos de Estágio</i> .....	2
1. <i>Contexto de Estágio em creche e Prática de Ensino no Pré-Escolar</i> .....	2
1.1. <i>Estágio em creche</i> .....	2
1.1.1. <i>Organização da sala e dos materiais</i> .....	2
1.1.2. <i>Caracterização do grupo</i> .....	3
1.1.3. <i>Projeto de Estágio</i> .....	3
1.1.4. <i>Autoavaliação do percurso de aprendizagem realizado</i> .....	8
1.2. <i>Estágio em Jardim de Infância</i> .....	8
1.2.1. <i>Caracterização da sala e dos materiais</i> .....	9
1.2.2. <i>Caracterização do grupo</i> .....	10
1.2.3. <i>Projeto de Estágio</i> .....	10
1.2.4. <i>Autoavaliação do percurso de aprendizagem realizado</i> .....	14
2. <i>Contexto de Estágio e Prática de Ensino no 1º Ciclo do Ensino Básico</i> .....	16
2.1. <i>Estágio em 1º Ciclo (1º ano)</i> .....	16
2.1.1. <i>Caracterização da sala e dos materiais</i> .....	16
2.1.2. <i>Caracterização do grupo</i> .....	17
2.1.3. <i>Projeto de Estágio</i> .....	18
2.1.4. <i>Autoavaliação do percurso de aprendizagem realizado</i> .....	22
2.2. <i>Estágio em 1ºCiclo (3ºano)</i> .....	23
2.2.1. <i>Caracterização da sala e dos materiais</i> .....	24
2.2.2. <i>Caracterização do grupo</i> .....	24
2.2.3. <i>Projeto de Estágio</i> .....	25
2.2.4. <i>Autoavaliação do percurso de aprendizagem realizado</i> .....	29
<i>Parte II – Parte Investigativa</i> .....	30

<i>Introdução</i> .....	30
<i>Capítulo I - Fundamentação Teórica</i> .....	31
1. <i>O que é a birra?</i> .....	31
2. <i>A relação entre a birra e o desenvolvimento da criança</i> .....	32
3. <i>Comportamentos associados às birras</i> .....	33
4. <i>Causas e razões que podem levar às birras</i> .....	34
5. <i>Estratégias pedagógicas para lidar com as birras</i> .....	36
<i>Capítulo II – Metodologia de Investigação</i> .....	38
1. <i>Opções metodológicas</i> .....	38
a. <i>Questão de investigação e objetivos</i> .....	38
b. <i>Tipo de estudo</i> .....	39
2. <i>Contexto de estudo</i> .....	39
a. <i>Sujeitos de estudo/ participantes</i> .....	39
3. <i>Técnicas de recolha de dados</i> .....	40
a. <i>Entrevista</i> .....	40
b. <i>Análise documental</i> .....	41
4. <i>Tratamento da informação recolhida</i> .....	41
<i>Capítulo III – Apresentação e análise dos resultados obtidos</i> .....	42
a) <i>Fatores condicionantes das birras</i> .....	42
b) <i>Estratégias para ultrapassar a birra</i> .....	44
c) <i>Articulação entre família e escola/jardim-de-infância</i> .....	47
<i>Reflexão Final</i> .....	49
<i>Conclusão</i> .....	50
<i>Referências Bibliográficas</i> .....	52
<i>Anexos</i> .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<i>Anexo 1: Guião da entrevista</i> .....	54
<i>Anexo 2: Transcrição das entrevistas das educadoras de infância</i> .....	56
<i>Anexo 3: Transcrição das entrevistas das Professoras de 1ºciclo</i> .....	64
<i>Anexo 3: Tabela de análise dos dados obtidos</i> .....	78

<i>Anexo 4 – Grelha do bem-estar e do envolvimento - creche</i> .....	81
<i>Anexo 5 – Grelhas de registo de observação/avaliação – Jardim-de-infância</i> .....	83
<i>Anexo 6 – Grelhas de registo de observação/avaliação do 1ºciclo (1ºano)</i> .....	86
<i>Anexo 7 – Grelha de registo de observação/avaliação do 1ºciclo (3ºano)</i> .....	87

## Índice de tabelas

<i>Tabela 1 - Panorama em teia do projeto de estágio "Os cinco sentidos" .....</i>	<i>5</i>
<i>Tabela 2 - Panorama em teia do projeto de estágio "Meios de transporte" .....</i>	<i>11</i>
<i>Tabela 3 - panorama em teia do projeto de estágio "A birra e a partilha" .....</i>	<i>19</i>
<i>Tabela 4 - Panorama em teia do projeto de estágio "A birra e a partilha" .....</i>	<i>26</i>
<i>Tabela 5 - Apresentação dos dados sobre Fatores Condicionantes das Birras.....</i>	<i>43</i>
<i>Tabela 6 - Apresentação dos dados sobre Estratégias para ultrapassar a birra.....</i>	<i>45</i>
<i>Tabela 7 - Apresentação dos dados sobre Articulação entre família e escola/jardim de infância .....</i>	<i>47</i>

## Índice de Figuras

<i>Figura 1 - Atividade sobre os cinco sentidos (olfato)</i> .....	6
<i>Figura 2 - Atividade sobre os cinco sentidos (paladar)</i> .....	7
<i>Figura 3 - Atividade sobre os meios de transporte</i> .....	13
<i>Figura 4 - Atividade sobre os meios de transporte (puzzle)</i> .....	13
<i>Figura 5 - Atividade sobre a temática Inverno</i> .....	21
<i>Figura 6 - Atividade sobre o sistema solar (construção dos planetas)</i> .....	28
<i>Figura 7 - Continuação da atividade sobre o sistema solar (construção dos planetas)</i>	28

## Introdução

Este relatório final foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), dando conta do percurso efetuado, nomeadamente pelo contexto de creche, jardim-de-infância e 1.º CEB.

Chegando ao Mestrado, sabia que havia muito para descobrir e aprender sobre a educação, tendo noção que o mestrado traria experiências novas que seriam fulcrais para formar educadoras de infância e professoras do 1.º ciclo.

Assim sendo, no decorrer dos dois anos de experiências, conhecemos diversos contextos, o que proporcionou vivências muito ricas. Pôde-se vivenciar novas metodologias de trabalho, realizando aprendizagens que eram essenciais como futura profissional nesta área.

O relatório encontra-se dividido em duas grandes partes. Na primeira, encontra-se a parte reflexiva, onde se encontra as vivências durante a prática pedagógica nos diferentes contextos de estágio que realizámos, onde é abordado a caracterização do grupo de crianças, as salas de atividades e a respetiva organização, os vários projetos de intervenção desenvolvidos, assim como as dificuldades ultrapassadas e as aprendizagens que foram sendo adquiridas.

Na segunda parte, a componente investigativa, onde se encontra a investigação desenvolvida. Assim sendo, procurou-se investigar sobre a problemática das birras, sendo que a investigação se encontra dividida em várias partes, nomeadamente, a sua definição, indicando o objetivo principal e os sujeitos de estudo da mesma. O enquadramento teórico é apresentado de seguida, resultante das leituras realizadas, seguindo-se a abordagem metodológica, clarificando a natureza e o tipo de estudo. Passamos depois para a apresentação e caracterização dos instrumentos de recolha de dados, a análise dos mesmos e as principais conclusões, tudo isto com base nas respostas das educadoras e professoras de 1º ciclo. Este capítulo é encerrado com as considerações finais, onde se identifica as limitações encontradas e sugestões para futuras investigações.

No final é ainda apresentada uma conclusão onde se encontrará a importância que todo este processo de reflexão e investigação teve para mim, bem como a sua importância para a minha formação como profissional de educação.

Por fim encontram-se os anexos, onde são apresentados o guião da entrevista, as entrevistas transcritas e as tabelas referentes ao tratamento de dados.

## *Parte I – Descrição dos Contextos de Estágio*

### **1. Contexto de Estágio em creche e Prática de Ensino no Pré-Escolar**

Ambos os estágios, realizados no âmbito do Mestrado de Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, decorreram em duas instituições diferentes que abrangiam a valência de creche e jardim-de-infância. Ambos se realizaram no ano letivo 2017/2018.

#### **1.1. Estágio em creche**

O estágio em creche teve início a 28 de Novembro de 2017 e terminou a 19 de janeiro de 2018. A instituição que nos recebeu para a realização deste estágio situa-se no concelho de Santarém.

Esta instituição era composta por duas valências de Creche (Creche 1 e Creche 2) e uma de Pré-Escolar. As Creches situavam-se no 1º andar da ala direita e esquerda, sendo compostas por berçário com dormitório, sala de 1 ano com fraldário interior, sala de 2 anos com fraldário interior e o refeitório. A valência do Pré-Escola situava-se no r/c do edifício, sendo formada por seis salas: duas de três anos, duas de quatro anos e duas de cinco anos.

Esta Unidade possuía ainda uma cozinha que confeccionava, diariamente, as refeições de almoço e lanche e existia também um refeitório no r/c do edifício.

Existiam ainda espaços exteriores parcialmente cobertos onde as crianças da creche e do jardim-de-infância podiam brincar. Nomeadamente, havia dois espaços exteriores, onde o espaço coberto continha um escorrega. O segundo espaço não era coberto, mas era bastante amplo, onde as crianças podiam correr. Havia ainda o jogo da macaca desenhado no chão. Quando começava a chover, as crianças eram encaminhadas para o espaço coberto pois podiam continuar a brincar sem se molharem.

##### **1.1.1. Organização da sala e dos materiais**

Fazendo uma caracterização da sala, esta era bastante ampla e tinha uma boa luminosidade, possuindo janelas grandes que permitiam a entrada de luz natural.

A sala encontrava-se dividida em áreas: a área do tapete onde a educadora lia história e realizava algumas atividades; a área da casinha, a área da garagem.

Possuía um ar condicionado, havendo assim uma boa temperatura ambiente, tanto no verão como no inverno pois era regulado pela educadora consoante a meteorologia. Esta sala era composta por uma casa de banho que incluía um fraldário. Este espaço era bastante organizado, uma vez que possuía armários com prateleiras, onde podíamos encontrar os pertences necessários de higiene de cada criança.

Deparei-me ainda com a falta de brinquedos/estímulos disponíveis para as crianças poderem brincar, uma vez que estão arrumados em armários e apenas são disponibilizados quando a educadora assim o entende.

### **1.1.2. Caracterização do grupo**

Nós encontrávamo-nos na sala dos dois anos, onde tínhamos 17 crianças, sendo 13 meninas e 4 rapazes. Uma dessas crianças apresentava ter NEE (necessidades educativas especiais), no entanto não estava ainda diagnosticada.

Todas as crianças do nosso grupo estavam bem desenvolvidas a nível motor, uma vez que se conseguiam equilibrar e tinham segurança e estabilidade na locomoção. Tinham ainda uma coordenação dos movimentos que lhes permitia desfrutar de jogos com bola, onde poderiam agarrar e pontapear. As crianças da sala também eram desenvolvidas ao nível da linguagem, uma vez que já todos falavam apesar de alguns ainda não serem muito perceptíveis, pois não conseguíamos perceber bem as palavras que diziam.

O grupo caracteriza-se por ser bastante curioso e autónomo, tanto a nível da alimentação como em momentos de brincadeira e dão bastante importância à rotina.

No geral era um grupo dinâmico, comunicativo, estavam sempre dispostas/ despertadas para a descoberta de novas experiências. Eram crianças que gostavam de brincar livremente criando brincadeiras, um grupo que apesar de ser agitado, também gostava que lhe dessem atenção.

### **1.1.3. Projeto de Estágio**

<b><i>O que os alunos podem aprender</i></b>	<b><i>Estratégias a serem desenvolvidas</i></b>	<b><i>Como iniciar</i></b>	<b><i>Recursos materiais</i></b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover momentos que permitam à criança fazer escolhas e tomar decisões.</li> </ul> <p><u>Audição:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular o sentido de audição;</li> <li>- Reproduzir sons;</li> <li>- Reconhecer sons;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização do presépio;</li> <li>-Leitura da história do capuchinho vermelho;</li> <li>- Exploração dos sacos de cheiro;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividade de natal (presépio);</li> <li>- História do capuchinho vermelho;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Papel crepe;</li> <li>Cola quente;</li> <li>Cartão;</li> <li>Rolo de cozinha/higiénico;</li> <li>Lã;</li> <li>Olhos;</li> <li>Paus de espetada;</li> <li>Livro do capuchinho vermelho;</li> </ul>

<p><u>Olfato:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular o olfato;</li> <li>- Diferenciar cheiros;</li> <li>- Reconhecer cheiros;</li> </ul> <p><u>Visão:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular a visão;</li> <li>- Diferenciar cores;</li> <li>- Reconhecer cores;</li> </ul> <p><u>Tato:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver a motricidade fina;</li> <li>- Prazer sensorial;</li> </ul> <p><u>Paladar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferenciar a textura dos sumos;</li> <li>- Reconhecer sabores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de experiências sensoriais;</li> <li>- Realização de jogos;</li> <li>- Experiência com instrumentos musicais;</li> <li>- Estimular o paladar;</li> <li>- Estimular o tato.</li> </ul>		<p>Sacos de coloridos de rede;</p> <p>Bolachas;</p> <p>Sumos;</p> <p>Lenço;</p> <p>Instrumentos musicais;</p> <p>Dado de feltro;</p> <p>Massa de moldar;</p> <p>Bolas de gel e água;</p> <p>Sacos transparentes;</p> <p>Gel de banho e porpurinas;</p> <p>Tesoura;</p> <p>Canela;</p> <p>Ráfia.</p>
<p><b>Conexões com outras matérias e saberes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecimento do mundo;</li> <li>- Área do desenvolvimento social e pessoal;</li> <li>- Desenvolvimento motor (desenvolvimento da consciência e domínio do corpo, exploração do espaço, do movimento e dos materiais);</li> <li>- Expressão musical (artes visuais: multiplicidade de materiais e</li> </ul>	<p><b>Tema</b></p> <p>Os cinco sentidos</p> <p><b>Ideias chave ou fio condutor</b></p> <p>Explorar/estimular os cinco sentidos</p>	<p><b>Divulgação</b></p> <p>Panfletos</p>	

instrumentos, materiais de uso utilitário e recicláveis; música: explorar sons, utilização de diversos tipos de instrumentos);			
<b>Atividades para toda a turma</b> - Escutar a história do capuchinho vermelho; - Jogo das cores (dado); - Exploração dos instrumentos.	<b>Atividades em grupo</b> - Reconhecer sabores	<b>Atividades individuais</b> - Exploração dos sacos de cheiro; - Exploração dos sacos sensoriais; - Exploração orientada dos instrumentos musicais.	<b>Avaliação</b> - Grelhas de avaliação a nível do bem-estar; - Grelhas de avaliação a nível do envolvimento/implicação, - Registo fotográfico; - Filmagens.

Tabela 1- Panorama em teia do projeto de estágio "Os cinco sentidos"

### Contextualização do projeto:

O projeto que tive oportunidade de desenvolver teve como tema os cinco sentidos, uma vez que não tinha sido um assunto abordado diretamente com as crianças e pretendeu apoiar individualmente cada criança para esta conseguir atingir níveis de conhecimento a que não chegaria sozinha.

O nosso projeto teve por bases as orientações curriculares para a educação pré-escolar.

Quanto às áreas abordadas, neste projeto tentámos abordar o desenvolvimento da consciência e do domínio do corpo, da exploração do espaço, do movimento e dos materiais e a expressão musical, ou seja, as artes visuais através de diversos materiais e a música através da exploração dos sons e da utilização de diversos tipos de instrumentos.

### Atividades realizadas:

De todas as atividades implementadas no decorrer deste estágio, destaco a atividade relacionada com o olfato, onde foram apresentados às crianças, que se encontravam sentadas no tapete, sacos de rede com diferentes aromas. Para esta atividade preparámos

quatro sacos coloridos de rede, estes continham lavanda, pétalas de rosa, pau de canela e alecrim.

As crianças mostraram-se bastante curiosas, pois só queriam ver os sacos que ainda se encontravam escondidos atrás das minhas costas. Fomos mostrando um de cada vez, enquanto o mostrava dizia o cheiro correspondente, passando assim o saco para as mãos da criança que iria cheirar. Por sua vez, a criança passaria a outra e assim sucessivamente.

A medida que as crianças iam cheirando, íamos perguntando qual o cheiro que achavam mais forte, qual gostavam mais.

Em relação à criança com NEE, foi-lhe apresentado três sacos (rosas, canela, lavanda). Esta não reagiu a nenhum dos cheiros, nem mesmo ao cheiro considerado mais forte, a lavanda.

Em geral foi realizada com sucesso, os objetivos desta atividade foram alcançados, uma vez que a maioria das crianças conseguiu identificar os cheiros e lembrar-se quais os aromas que tínhamos mencionado quando mostrámos os sacos. O grupo aderiu, participou e acima de tudo tiveram a oportunidade de contactar com diferentes cheiros que futuramente virão a reconhecer melhor.



*Figura 1 - Atividade sobre os cinco sentidos (olfato)*

A próxima atividade que exponho correu menos bem. Para esta atividade escolheu-se o paladar para estimular, tendo como objetivos diferenciar a textura dos sumos e reconhecer sabores. Inicialmente, tínhamos pensado em dar a provar sumo de laranja e sumo de pêra, para que o grupo notasse a diferença na espessura, ou seja, as crianças tinham de dizer que o sumo de laranja era líquido e o sumo de pêra era mais espesso.

No entanto, para não ser só entregar o sumo, acabei por fazer um jogo com eles. Sentei-os no tapete em roda e enchi todos os copos com sumo, não lhes dizendo de que fruta era esse sumo, teriam de ser eles a adivinhar.

Mandei-os começar a beber todos ao mesmo tempo e só no final de todos beberem, perguntava qual era a fruta que se encontrava no sumo. Pedia para que quem soubesse pusesse o dedo no ar, que eu escolhia uma criança para responder. A maioria das crianças que questionei, acertou, mas não me soube dizer a diferença de um sumo para o outro, ou seja, a sua consistência.



*Figura 2 - Atividade sobre os cinco sentidos (paladar)*

### Avaliação do projeto:

Para a avaliação das atividades e consequentemente do projeto, construímos alguns instrumentos de avaliação. Esta avaliação foi efetuada com base na observação direta para que numa análise posterior conseguisse refletir e analisar comparativamente os vários dados obtidos. Consegui retirar através da minha análise e consequentemente, das minhas observações, que as crianças se empenharam nas atividades realizadas, uma vez que era algo diferente do que costumavam fazer com a educadora.

Outra forma de avaliar o projeto foi através da observação do bem-estar e do envolvimento da criança (anexo 4) e através das grelhas de observação de Laevers. Este tipo de avaliação permitiu-me não só avaliar o bem-estar e o envolvimento da criança, mas também verificar que as aprendizagens foram adquiridas por parte das mesmas.

Utilizei também o registo fotográfico e as filmagens com o objetivo de documentar mais detalhadamente os trabalhos das crianças. Para a concretização destes dois últimos tipos de avaliação, foi necessário efetuar uma autorização para entregar aos pais, de maneira a que pudessemos utilizar esses documentos em trabalhos académicos.

Em suma, os objetivos deste projeto foram alcançados uma vez que as crianças se envolveram na atividade realizada e através das observações e registos das atividades percebemos que as crianças entenderam o que são os cinco sentidos. Considerámos ainda

que o projeto realizado contribuiu para nós na medida em que pôs à prova a nossa capacidade de análise e reflexiva

#### **1.1.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagem realizado**

Durante este período de estágio, confrontei-me com algumas dúvidas, como a questão das birras, visto que não sabia muito bem o que fazer quando estas decorriam. Este grupo era muito difícil no que diz respeito às birras. Faziam birras constantemente, especialmente à hora de almoço ou quando queriam alguma coisa e lhes diziam que não podia ser. Na altura, eu não sabia como devia lidar, ou seja, se os devia contrariar ou se dependendo das situações, deixava fazer o que eles queriam. Para ultrapassar esta dúvida, decidi realizar algumas fichas de leitura sobre o tema e acabei por torná-lo o meu tema de investigação.

Depois de realizar estas pesquisas, senti-me mais esclarecida, sabendo que nenhuma estratégia resulta a longo prazo e que as estratégias devem ser variadas conforme a situação (Cordeiro, 2011). Não se deve estar sempre a repetir e a massacrar a criança, culpabilizando-a, nem se deve envergonhar, chantagear ou ameaçar a mesma (Cordeiro, 2011).

Outra dificuldade sentida, prendeu-se com o facto de ter-me deparado com uma criança com NEE na minha sala. Mais uma vez, não sabia como lidar com a criança em causa pois nunca tinha encontrado uma criança com necessidades educativas antes. Sendo assim, decidi realizar também algumas fichas de leitura sobre este assunto sobre como atuar num caso de ter uma criança com NEE na sala.

Uma situação que aconteceu em todo o decorrer do estágio, foi o facto de dizerem-nos constantemente na escola que as histórias são essenciais para o desenvolvimento das crianças, pois estimulam a imaginação, a fantasia, criatividade, entre outros. A leitura de histórias na sala de creche, era uma atividade pouco frequente, pois desde que comecei o estágio, ela nunca leu uma história ao grupo, o que me mostrou alguma contradição em relação ao que aprendemos.

Durante este estágio, maioritariamente no início do mesmo, notei que as crianças não nos respeitavam, o que tornava tudo mais complicado. Como nós éramos novas na sala, eles tentavam levar-nos ao limite, mas à medida que o tempo foi passando, foram-nos conhecendo melhor e notei que me começavam a respeitar. No início, a educadora deixava-nos sozinhas com eles e reparei que eles não nos respeitavam, não fazendo o que pedíamos, mas com o tempo, fomos conseguindo que as crianças nos respeitassem e nos fossem conhecendo melhor.

## **1.2. Estágio em Jardim de Infância**

O estágio em jardim-de-infância teve uma duração de sete semanas, tendo início a 17 de abril de 2018 e terminando a 1 de maio de 2018. A instituição que nos recebeu encontra-se situada no concelho de Santarém.

Esta instituição satisfaz carências sociais através de medidas e cuidados que contribuam para a valorização dos indivíduos e dos seus direitos de cidadania, é uma instituição de carácter jurídico e civil, é reconhecida como IPSS.

O espaço da creche era composto por quatro salas: o berçário onde se encontravam bebés dos 3 aos 12 meses; a sala de 1 ano para crianças entre os 12 e os 24 meses (bibe amarelo); a sala dos 2 anos para crianças entre os 24 e os 36 meses (bibe azul claro) e pela sala Familiar para crianças entre os 12 e os 36 meses (bibe laranja).

O espaço do jardim-de-infância era organizado em 3 salas: a sala dos 3 anos (bibe azul escuro); a sala dos 4 anos (bibe vermelho) e a sala dos 5 anos (bibe verde escuro).

Existiam ainda dois espaços polivalentes, sendo um deles coberto, onde se encontravam baloiços, bolas, entre outros brinquedos e um espaço na rua, ao ar livre, onde se encontravam escorregas e baloiços. Havia duas casas-de-banho de apoio às salas e um refeitório (comum às salas de pré-escolar).

A instituição dispunha ainda de um ginásio (comum a todas as valências) que era utilizado para a realização de atividades de Expressão Físico Motora. O material que se encontrava disponível era adequado às faixas etárias e encontravam-se bem localizados para que as crianças pudessem autonomamente chegar a esses materiais.

### **1.2.1. Caracterização da sala e dos materiais**

Estagiei na sala do bibe azul-escuro, tendo então um grupo de crianças com 3 anos. Esta sala era bastante ampla e acolhedora, possuía uma dispensa onde guardavam os materiais escolares, a casa de banho era comum com a sala dos 4 anos, sendo que metade da casa de banho guardava os pertences das crianças da sala do lado e a outra parte guardava os pertences das crianças da sala onde estagiámos, como escovas para pentear o cabelo, toalhas, entre outros.

Na parte exterior da sala encontrava-se uma zona com diversos cabides, todos eles identificados. Todo o material da sala estava ao alcance das crianças para que estes pudessem usufruir desde jogos, puzzles, entre outros.

Relativamente às áreas da sala, estas estavam bem equipadas a nível de recursos e encontravam-se bem organizadas, uma vez que estavam separadas umas das outras e bem identificadas. Cada área tinha um limite de crianças que é diferente de área para área.

### 1.2.2. Caracterização do grupo

Estagiei com um grupo de 3 anos, este grupo era formado por 19 crianças no total, sendo que 7 eram rapazes e 12 eram raparigas. Uma dessas crianças apresentava ter Necessidades Educativas Especiais (NEE). Essa rapariga frequentava a terapia da fala e era acompanhada pela Equipa de Intervenção Precoce, indo uma técnica à sala, uma vez por semana, devido a um atraso mental e por lhe ter sido diagnosticado um síndrome alcoólico fetal.

Havia mais uma criança que frequentava a Terapia da Fala, devido a um atraso na linguagem e outras duas frequentavam o Centro de Acolhimento Temporário da Santa casa da Misericórdia (CAT).

Este grupo era bastante ativo e com interesse e motivação para a descoberta e exploração de novas experiências, uma vez que se mostrou sempre bastante interessado em tudo o que fazíamos, querendo muitas das vezes repetir as atividades que levávamos para a sala para realizar com eles.

São crianças que gostam de brincar livremente seja nas áreas da sala seja no espaço exterior, criando assim brincadeiras entre si. Começam a ser autónomos, por exemplo, calçam-se e descalçam-se sozinhas, e vão à casa de banho de forma independente.

### 1.2.3. Projeto de Estágio

<b><i>O que os alunos podem aprender</i></b>	<b><i>Estratégias a serem desenvolvidas</i></b>	<b><i>Como iniciar</i></b>	<b><i>Recursos</i></b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolver a comunicação oral (individual e em grupo);</li><li>- Desenvolver a concentração;</li><li>- Desenvolver a capacidade de correspondência;</li><li>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas</li><li>- Reconhecer os meios de transporte;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Articular a abordagem de diferentes domínios e subdomínios;</li><li>- Planificar de forma a surgirem oportunidades de aprendizagem;</li><li>- Apoiar individualmente cada criança para esta atingir níveis a que não chegaria sozinha;</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Debate com as crianças para levantamento das conceções/ideias prévias acerca do tema em questão;</li><li>- História “O lobo que estava farto de andar”;</li></ul>	<p><u>Humanos:</u></p> <p>Educadora (apoio para controlar o grupo, dar opiniões e fazer observações);</p> <p>Estagiária (em intervenção);</p> <p>Auxiliar (apoio para controlar o grupo);</p> <p>Estagiária (apoio às crianças e controlar o grupo, fazer registos de observação);</p> <p>Grupo de crianças.</p> <p><u>Materiais:</u></p>

	- Promover momentos que permitam à criança fazer escolhas e tomar decisões.		Caixa de cartão; folha A4; cartolina; livro “O lobo que estava farto de andar”; cartões com resposta sim ou não; cola; tintas; x-ato;
<p><b>Conexões com outras matérias e saberes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecimento do mundo;</li> <li>- Área de formação pessoal e social;</li> <li>- Expressão musical;</li> <li>- Comunicação oral;</li> <li>- Matemática;</li> <li>- Expressão plástica</li> </ul>	<p><b>Tema</b></p> <p>Meios de Transporte</p> <p><b>Ideias chave ou fio condutor</b></p> <p>Conhecer diversos meios de transporte</p>		<p><b>Divulgação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Exposição dos meios de transporte na sala para que possam ser vistos.</li> </ul>
<p><b>Atividades para toda a turma</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogo das perguntas com cartões do sim e do não;</li> <li>- Escutar a história “O lobo que estava farto de andar”;</li> <li>- Recontar a história;</li> <li>- Reconhecer os sons dos meios de transporte</li> </ul>	<p><b>Atividades em grupo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogo da memória;</li> <li>- Jogo das sombras;</li> <li>- Pintura do autocarro_</li> </ul>	<p><b>Atividades individuais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção das carruagens do comboio;</li> <li>- Construção do carro;</li> <li>- Pintura do barco de papel em origami;</li> <li>- Puzzle.</li> </ul>	<p><b>Avaliação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta;</li> <li>- Grelhas de registo de observação /avaliação;</li> <li>- Registo fotográfico (de forma a perceber as reações das crianças);</li> </ul>

Tabela 2 - Panorama em teia do projeto de estágio "Meios de transporte"

Contextualização do projeto:

Para a realização deste projeto, escolhemos os meios de transporte como tema. Este surgiu através de uma visita de estudo realizada a Lisboa, ao Pavilhão do Conhecimento, em que o meio de transporte usado foi o comboio.

Achamos importante que as crianças percebessem que existem diversas formas de se deslocarem, e que não existem só os transportes que veem habitualmente.

Posto isto, o nosso projeto de estágio foi pensado para ser realizado através da brincadeira, uma vez que era esse o principal objetivo do projeto da educadora da nossa sala.

Abordámos diversas áreas de conteúdo presentes nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), bem como o Projeto Pedagógico, que dá especial atenção à brincadeira.

Brincar, é uma “atividade espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração (...). O conceito de “brincar” tem sido usado como sinónimo de jogar, ou de atividade lúdica, utilizando-se, por vezes, a expressão “jogo livre” para indicar a sua especificidade (...). A participação do/a educador/a, desde que não sobreponha às intenções da criança, permite alargar e enriquecer o brincar, e o jogo da iniciativa da criança”. (Fonte: Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação).

#### Atividades desenvolvidas:

Tendo em conta que o projeto de sala passava por atividades em jeito de brincadeira, eu e a minha colega pensámos em realizar o jogo da memória. Inicialmente, fiz uma pequena abordagem com eles sobre o que já sabiam e o que já tinham aprendido até ao momento sobre os meios de transporte.

Todos conheciam este jogo, não necessitando de grandes explicações. Posto isto, dividimos o grande grupo em grupos de 4 elementos. Enquanto um dos grupos realizava o jogo, os outros estavam distribuídos pelas diversas áreas da sala. Conforme o grupo acabava o jogo, chamávamos o próximo. O jogo consistia em baralhar as cartas e distribuir pela mesa, todas voltadas para cima para que pudessem observar as imagens dos transportes que constavam nos cartões. De seguida, voltávamos as peças para baixo, de modo a que não conseguissem ver a imagem e teriam de se lembrar em que sítio estava cada par.

As crianças demonstraram-se interessadas querendo sempre repetir o jogo. Conseguiram atingir os objetivos propostos, sendo estes promover a concentração e a capacidade de correspondência e reconhecer os meios de transporte, pois a maioria das crianças conseguiram acertar nos pares, já outras jogavam apenas “ao calhas”. Quando a

criança acertava, perguntávamos que meio de transporte é que tinham acertado, pelo que tinham de olhar para as suas cartas e referir qual era. A maioria conseguiu acertar.



*Figura 3 - Atividade sobre os meios de transporte*

Passando para a atividade que correu menos bem, esta foi a dos puzzles. Foi realizada individualmente, no entanto havendo 6 puzzles, chamávamos 6 crianças para fazerem os puzzles. Estes tinham como imagem os meios de transporte e cada criança tinha de tentar juntar as peças do puzzle de forma a formar a imagem.

Cada puzzle correspondia a um meio de transporte e as crianças, por tentativas, teriam de juntar as várias peças de maneira a formar a imagem correta. Enquanto 6 crianças estavam a realizar a atividade as outras estavam distribuídas pelas diversas áreas da sala. Quando a atividade estivesse concluída com aquela criança, chamávamos outra para vir fazer os puzzles.

Perguntámos no final de cada puzzle concretizado, qual o meio de transporte que eles encontraram, todos conseguiram mencionar corretamente, no entanto, a maior parte teve dificuldades em formar a imagem correta, colocando muitas vezes as peças de “pernas para o ar” e não percebiam que o puzzle estava mal construído.



*Figura 4 - Atividade sobre os meios de transporte (puzzle)*

**Avaliação do projeto:**

Para a avaliação das atividades, realizámos alguns instrumentos de avaliação, nomeadamente as grelhas de registo de observação /avaliação (anexo 5), o registo fotográfico e ainda utilizámos a observação direta.

Ao analisar as grelhas de registo de observação, pode perceber que o grupo participou na maioria das conversas e debates realizados sobre os meios de transporte, que já têm a capacidade de correspondência bem desenvolvida, uma vez que através do jogo da memória e do jogo das sombras/ silhuetas, pretendíamos este mesmo desenvolvimento, bem como, o reconhecimento dos meios de transporte abordados ao longo de todo o projeto.

Através da análise das grelhas de registo, pude perceber que o grupo se mostrou bastante interessado e atento no que concerne ao conto de histórias, as crianças estiveram atentas à sua leitura e participaram ativamente sempre que solicitado.

O grupo mostrou algumas dificuldades ao nível do desenho, também devido à sua faixa etária, no entanto ao observar as produções realizadas pelas crianças sobre os meios de transporte e ao serem questionadas sobre os mesmos, surgiram expressões como “Eu não sei desenhar um autocarro”, mas tentavam sempre concluir o desenho.

Concluo que alguns dos objetivos estabelecidos no projeto foram alcançados, sendo estes reconhecer os meios de transporte, desenvolver a concentração, compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação, usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação e desenvolver o respeito pelos outros e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social, e as crianças entenderam o que são os meios de transporte dando exemplos do seu quotidiano, como por exemplo, que se deslocam para a instituição de carro.

No entanto, houve alguns objetivos que não conseguiram alcançar, nomeadamente desenvolver a capacidade de correspondência, uma vez que no jogo do puzzle, as crianças não conseguiram fazer a junção das peças corretamente de maneira a formar a imagem correta do transporte.

Em suma, considero que os objetivos definidos para o projeto foram maioritariamente alcançados, o que nos transmite que a “mensagem” passou para as crianças e que estas aprenderam com a nossa intervenção.

#### **1.2.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagem realizado**

Deste estágio pude observar um ótimo envolvimento parental no jardim-de-infância, pois para celebrar o dia da mãe, todas as educadoras do pré-escolar convidaram as mães para passarem algum tempo com os filhos, fazendo o que cada uma das cooperantes tinha pensado para esse dia.

Quanto à sala onde me encontrava a estagiar, as mães puderam observar um vídeo onde as crianças cantavam uma canção dedicada às próprias; tiraram ainda fotografias onde as mães escreveram algo aos filhos num papel e depois tiveram de segurar esse papel para a fotografia. No final, esses trabalhos foram expostos num placar que se encontrava à porta da sala para que as mães e os filhos pudessem recordar esse dia.

A meu ver foi boa ideia envolver a família na vida escolar da criança, uma vez que estão a participar na aprendizagem dos filhos e acabam por tornar o dia mais especial com a sua participação.

Passando à minha intervenção, esta correu bem, as crianças ficaram entusiasmadas com as atividades que realizaram, querendo muitas das vezes repeti-las, nomeadamente o jogo da memória e o jogo das silhuetas. Ambos apelavam á correspondência, uma vez que o jogo da memória pretende que a criança encontre o par, onde ambos os cartões têm a imagem igual e o jogo das silhuetas que também pretende que a criança encontre o par. No entanto neste último jogo, temos uma carta com o meio de transporte e a outra com esse mesmo meio de transporte, mas apenas a sua silhueta/sombra e a criança teria que saber que aquela silhueta corresponde ao meio de transporte da outra carta.

Quanto aos aspetos que considero dominar melhor, posso mencionar que consegui organizar bem as minhas atividades no espaço de tempo que tínhamos para as concretizar, consegui que as crianças atingissem os objetivos que tinha planificado nas minhas atividades, já que que elas ficaram a compreender que existem diversos meios de transporte para além dos mais conhecidos.

Relativamente às dificuldades encontradas, saliento o facto de ter-me sido difícil conseguir controlar o grupo quando realizava as atividades, pois todos queriam falar ao mesmo tempo, realizar as tarefas ao mesmo tempo. A meu ver não se deve deixar, pois as crianças têm de começar a saber respeitar a vez do outro.

Outra das dificuldades que encontrei no decorrer das minhas intervenções, passava por conseguir comunicar com a criança que tem síndrome alcoólico fetal. Como ela não falava, tornava-se difícil perceber o que ela queria, no entanto comecei a conseguir decifrar melhor alguns sinais que ela fazia para tentar comunicar connosco.

## **2. Contexto de Estágio e Prática de Ensino no 1º Ciclo do Ensino Básico**

Ambos os estágios, realizados no âmbito do Mestrado de Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, decorreram em duas instituições diferentes. Ambos se realizaram no ano letivo 2018/2019.

### **2.1. Estágio em 1º Ciclo (1º ano)**

O local eleito para a realização do estágio de 1º ciclo foi no concelho de Santarém, tendo uma duração de sete semanas, iniciando a 20 de novembro de 2018 e terminando a 18 de janeiro de 2019.

Esta instituição dispunha de 11 salas de aula distribuídas por 2 blocos, existia ainda uma sala onde funcionava a Unidade de Apoio Especializado à Educação de Alunos com Multideficiência e Unidade de Ensino Estruturado, ambas as unidades eram uma mais-valia para a escola, uma vez que permitia algumas crianças a frequentarem/ acompanharem ao mesmo tempo as turmas onde estão inseridos.

A instituição dispunha ainda de um polivalente, onde as crianças se encontravam quando chovia e que nos permite concretizar algumas atividades em que seria necessário um espaço mais amplo.

Neste espaço realizavam-se atividades relacionadas com a área das Expressões e festas em que se envolvia a comunidade escolar, possuía um espaço exterior bastante amplo, com um escorrega, que os alunos disfrutavam bastante, uma biblioteca que estava ao dispor dos alunos e dos professores que pretendessem levar os alunos a este espaço para a realização de tarefas diferentes ou que necessitassem de computadores, dispunha ainda de uma sala de professores, de um gabinete da Coordenação, de uma reprografia, uma cozinha, casas de banho, e de um refeitório.

#### **2.1.1. Caracterização da sala e dos materiais**

Fazendo uma breve caracterização da sala, esta era acolhedora, detinha uma área razoável e todos os materiais se encontravam ao alcance das crianças. O espaço estava bem organizado e era exposto os trabalhos mais importantes nas paredes da mesma. Possuía ainda boa iluminação, uma vez que uma das paredes da sala era composta apenas por janelas entrando uma grande quantidade de luz natural.

Possuía ainda um quadro de ardósia onde os alunos resolviam as tarefas propostas pela professora, indo sempre um aluno corrigir o exercício ao quadro, um quadro interativo onde os alunos corrigiam os exercícios do manual interativo e viam vídeos demonstrativos sobre os conteúdos que estivessem a ser lecionados; armários para armazenar os materiais

escolares individuais dos alunos como canetas de filtro, lápis de cor, colas líquidas, cartolinas, entre outros.

A sala detinha ainda bastante luz natural devido à parede composta apenas por janelas o que fazia com que entrasse uma grande quantidade de luz natural na sala; era também uma sala bastante ampla e tinha ar condicionado para que houvesse um bom ambiente para as crianças poderem trabalhar.

### **2.1.2. Caracterização do grupo**

Nós estagiámos com alunos do 1º ano, onde tivemos 18 crianças, sendo que eram 5 meninas e 13 rapazes. Duas dessas crianças tinham apoio individualizado, indo professoras à sala para estarem com eles.

A turma possuía um aluno considerado autista, o que se manifestava no decorrer das aulas através do seu comportamento alterado. Outro dos alunos era de etnia cigana, que só comparecia uma ou duas vezes por semana à escola, não acompanhando o ritmo da turma, prejudicando assim as suas aprendizagens a nível do conhecimento.

Existia ainda duas crianças que tinham apoio individualizado, indo uma professora à sala para estar com eles.

Dentro desta turma, havia muitos ritmos de aprendizagem diferentes, o que nos trouxe algumas dificuldades, uma vez que havia crianças que acabavam os trabalhos mais rápido que outros.

Era uma turma bastante complicada a nível do comportamento, algo que nunca tinha visto anteriormente. Tinham de ser chamados à atenção inúmeras vezes e mesmo assim, não faziam o que pedíamos, andando sempre de pé pela sala, saiam da sala para ir à casa de banho sem o consentimento da professora cooperante, entre outras coisas.

Este comportamento prejudicava a turma e o seu aproveitamento, pois nunca estavam com atenção e por isso não conseguiam executar as atividades sozinhos. Posto isto, era uma turma com bastantes dificuldades de concentração, o comportamento dos alunos na sala de aula destabilizava o decorrer das aulas, ao se levantarem constantemente prejudicava tanto o aluno em questão como os restantes que perdiam a concentração no que estão a fazer.

A turma era bastante participativa nas atividades que proponhamos, pois tentávamos levar sempre algo que eles não fizessem com a professora, para conseguirmos captar a atenção deles.

Para concluir esta caracterização, a turma em geral era pouco autónoma, pedindo sempre a nossa ajuda nas atividades que realizavam.

### 2.1.3. Projeto de Estágio

<b><i>O que os alunos podem aprender</i></b>	<b><i>Estratégias a serem desenvolvidas</i></b>	<b><i>Como iniciar</i></b>	<b><i>Recursos</i></b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o conceito de partilha;</li> <li>- Compreender o significado de partilha;</li> <li>- Desenvolver o sentido de gratidão;</li> <li>- Promover a interação entre crianças;</li> <li>- Perceber que as birras não são solução para o que querem atingir.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender as conceções das educadoras/professoras sobre as birras nas crianças;</li> <li>- Identificar estratégias educativas utilizadas pelas educadoras/professoras que possam ajudar a criança a gerir/ultrapassar uma situação de birra;</li> <li>- Averiguar a existência de comunicação entre a educadora/professora e as famílias, no que concerne às birras das crianças;</li> <li>- Caracterizar a comunicação estabelecida entre a família e a educadora/professora, no que toca à troca de informações/estratégias relativas às birras da criança.</li> </ul>	<p>Jogo dos congelados</p>	<p><u>Humanos:</u>            Professora (apoio para controlar o grupo, dar opiniões e fazer observações);            Estagiária (em intervenção);            Estagiária (apoio às crianças e controlar o grupo, fazer registos de observação);            Grupo de crianças</p> <p><u>Materiais:</u>            Lápis de grafite;            Folhas de papel;            Borracha; Áudios;            Colunas; Manuais;            Papel de lustre;            Rolos de papel;            Pacotes de leite;            Lápis de cor;            Tesoura; Cola líquida; Algodão;            Cartolina;            Computador;            Arcos; Pinos;            Colchões de ginástica;</p>

<p><b>Conexões com outras matérias e saberes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Português</li> <li>- Estudo do meio</li> <li>- Expressão Plástica</li> <li>- Expressão dramática</li> </ul>	<p><b>Tema</b></p> <p>A birra e a partilha</p> <p><b>Ideias chave ou fio condutor</b></p> <p>Promover a partilha e identificar estratégias para lidar com a birra</p>		<p><b>Divulgação</b></p> <p>Exposição nos quadros da sala dos trabalhos realizados</p>
<p><b>Atividades para toda a turma</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogo dos congelados</li> <li>- Jogo de dramática</li> <li>- Semáforo dos alimentos</li> </ul>	<p><b>Atividades em grupo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Boneco de neve alusivo ao tema do inverno</li> </ul>	<p><b>Atividades individuais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Bota e postal de natal</li> <li>- Reis magos</li> <li>- Dobragem e desenho da sua casa</li> <li>- Circuitos</li> </ul>	<p><b>Avaliação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta;</li> <li>- Grelhas de registo de observação /avaliação;</li> <li>- Registo fotográfico;</li> </ul>

Tabela 3 - panorama em teia do projeto de estágio "A birra e a partilha"

### Contextualização do projeto:

Para a realização deste projeto, a professora orientadora decidiu que não havia necessidade de haver um projeto geral. Sendo assim, eu e o meu par de estágio, acabámos por trabalhar apenas os nossos temas de investigação, que eram as birras e a partilha. Cada uma observava as crianças mediante o tema, ou seja, eu observava se as crianças faziam muitas birras e como resolvia a professora a situação. Realizámos ainda diversas atividades dentro do tema da partilha, onde havia trabalhos que eram realizados em pares ou grupos e eles tinham de dividir os materiais entre eles.

Em relação ao tema da partilha, é importante que as crianças saibam o significado da palavra partilha logo desde cedo. Assim, partilhar é uma necessidade social que vai além dos protagonistas da ação, é saber comunicar. Partilhar é conectarmo-nos uns com os outros, é desenvolver um sentido de gratidão por aquilo que temos porque partilhar é estar disponível para pensar nas necessidades do outro, é uma forma de promover as relações interpessoais e é descobrir em conjunto como se desenvolve a entre ajuda.

Como futuras profissionais de educação, são várias as formas de promover este conceito nas crianças, como mostrar que nós mesmas partilhamos coisas com outras

peessoas, promover atividades em grupo para que possam partilhar e trabalhar em equipa, é importante promover debates e conversas em que as crianças possam partilhar as suas ideias bem como ouvir e saber respeitar as das outras crianças.

Relativamente ao tema das birras, estas são um componente característico da vida das crianças uma vez que estão ainda muito centradas nelas próprias e nos seus interesses. Sendo assim, podemos afirmar que as birras serão superadas com a maturidade e crescimento da criança, sendo que estas contribuem para que a criança obtenha tolerância à frustração (Cordeiro, 2011).

Ao longo do tempo, a criança vai começando a fazer menos birras, pois já se encontra num estado de estruturação em que conseguiu superar a frustração e onde começou a ter respeito, empatia e solidariedade pelos outros (Cordeiro, 2011).

Estas podem envolver a expressão de sentimentos e o temperamento da criança. Sendo assim, os sentimentos que podem estar associados à birra são a raiva, o ciúme, o medo e a frustração.

Qualquer um dos sentimentos mencionados antes, podem desencadear diversos comportamentos, entre eles, comportamentos agressivos. Isto porque, uma das formas que a criança tem de lidar com a raiva que sente, é sendo agressiva (Brazelton & Sparrow, 2003).

Existem várias estratégias que podem ser usadas para minimizar situações de birra, sendo que as estratégias devem ser alteradas conforme a situação (Cordeiro, 2011). Por exemplo, é importante não tentar parar uma birra, mas sim em casos extremos, ficar ao lado da criança, sem gritar nem ameaçar, tentando chamá-la à razão.

#### Atividade desenvolvida:

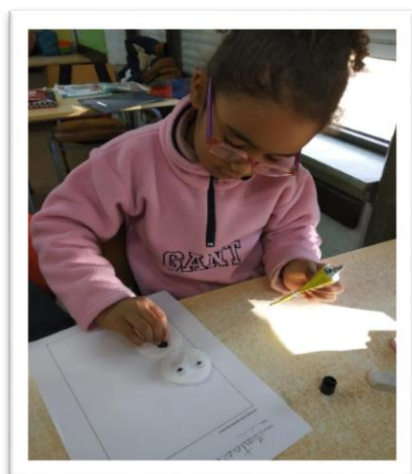
Destaco uma das atividades que realizámos, na área de Expressões e Educação Plástica, sendo esta para realizar a pares.

Tinha como objetivos, promover e estimular nas crianças a partilha, promover a interação entre crianças, escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas e manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos.

Esta atividade consistia em construir um boneco de neve alusivo ao tema do Inverno, abordado em Estudo do Meio. A intenção era que construíssem o boneco de neve, a pares, com discos de algodão para formar o corpo e com pedaços de algodão para formar as bolas de neve. As crianças teriam à sua disposição uma folha A4 onde colariam os materiais de

forma a criar o boneco de neve, bem como todos os materiais necessários para a sua construção, nomeadamente, algodão, cola, tesoura, cartolina para fazer o nariz e os braços.

No entanto a maioria não soube partilhar os materiais acabando por construir a maior parte do boneco sozinhos, tínhamos de estar constantemente a intervir para que se lembrassem que era para ser realizada a pares, pois um deles ficava sempre a ver o outro a construir em vez de trabalharem em conjunto. Esta atividade era alusiva ao inverno, temática trabalhada anteriormente.



*Figura 5 - Atividade sobre a temática Inverno*

#### Avaliação do projeto:

Para a avaliação das atividades, realizámos alguns instrumentos de avaliação, nomeadamente as grelhas de registo de observação /avaliação (anexo 6), o registo fotográfico e a observação direta.

Ao analisar as grelhas de registo de observação/avaliação e da observação direta, pude perceber que as crianças estavam interessadas e empenhadas nas tarefas que concretizavam, uma vez que eram diferentes do que estavam habituados pois antes de implementarmos o nosso projeto, as crianças realizavam apenas exercícios do manual e do livro de fichas, concretizando tudo sozinhas, não havendo trabalho a par, nem em grupo.

Relativamente aos nossos temas de investigação, destaco que na temática da partilha, através das observações realizadas durante o período de estágio, relato que os alunos ainda sentem dificuldades em partilhar.

Observando os alunos fora das atividades propostas, verificou-se que a existência deste conceito de partilha existe quando se encontram no recreio a jogar a bola, por outro lado, nas atividades propostas na sala, verifica-se uma dificuldade em conseguir partilhar o material escolar, concluindo que é algo que não está totalmente adquirido.

Em geral, os alunos de forma indireta perceberam que só existindo um material para os dois, teriam de chegar a um consenso e arranjar uma maneira para que ambos o pudessem utilizar.

Relativamente ao tema das birras, pude observar que a partir da minha intervenção, as crianças compreenderam que não era por estas fazerem birra que iam conseguir obter o que queriam. Posto isto, apesar de as birras não terem desaparecido, o que é normal nesta idade, uma vez que ainda não conseguem lidar com a negação, as birras já não tinham a mesma força que tinham no primeiro dia da minha intervenção.

#### **2.1.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagem realizado**

Neste estágio, como já referi anteriormente, o nosso projeto de estágio era sobre os nossos temas de investigação. Para conseguir trabalhar o meu tema, inicialmente tive de observar e analisar como a professora reagia perante uma situação de birra. Pude observar que a cooperante as ignorava e as crianças continuavam a fazer birras com frequência. Tendo em conta as pesquisas que realizei sobre este tema, decidi intervir de forma diferente. Em vez de ignorar as birras das crianças, tentei falar com elas, tentando apelar para o facto de não poderem ter sempre tudo o que querem e tentava perceber o que se passava.

Ao longo das semanas fui compreendendo que a minha intervenção acabou por ajudar. As crianças continuavam com as birras, mas estas já não tinham a mesma intensidade que as primeiras que vivenciei com a professora, nem eram tão frequentes.

Concluindo, ao longo deste estágio, fui percebendo que as crianças não gostavam de ser contrariadas, fazendo muitas vezes birras como maneira de demonstrar o que estão a sentir naquele momento. Ao conversarmos, com o tempo acabavam por perceber que o que estão a fazer não está certo.

Passando para os aspetos que considero dominar melhor, penso que me consegui explicar bem de maneira a que os alunos entendessem o que era para fazer e sempre que possível, fazia atividades lúdicas para que não nos cingíssemos apenas nos exercícios do manual e do livro de fichas, uma vez que eles aderiam mais às atividades que preparava.

Elaborei algumas fichas de trabalho nas diversas áreas curriculares porque nem sempre os exercícios apresentados pelo manual eram suficientes para que determinado conteúdo ficasse consolidado.

A aplicação e correção destas fichas permitiam-me compreender se os alunos estavam a aprender os conteúdos que iam sendo trabalhados. Este processo possibilitou-

me adaptar algumas estratégias em função das dificuldades identificadas. (Ferraz et al., 1994)

Relativamente às dificuldades encontradas, senti uma certa dificuldade em conseguir controlar a turma, pois era uma turma bastante complicada a nível do comportamento. Houve alturas em que não me ouviam quando explicava o que era para fazer pois estavam sempre a conversar e a levantarem-se do lugar para ir ter com os colegas. Havia muitas alturas em que tinha de parar a explicação para repreender os alunos porque estavam sempre fora do lugar a andar pela sala. Só conseguia captar a atenção deles quando fazíamos atividades lúdicas pois era algo de diferente do que estavam habituados.

Outras das dificuldades sentidas prendeu-se com o facto de ter de lecionar sem projetor no início do estágio, o que dificultou a minha intervenção pois ainda não tinha experiência nenhuma nesta área e não sabia como fazer as coisas.

Algo que aprendi com este estágio, é o facto de o professor, muitas das vezes, ser a pessoa em quem as crianças confiam e se sentem à vontade para desabafar. O professor não se limita a orientar para a construção de conhecimentos, ele também ouve as preocupações das crianças e ajuda-as no seu crescimento enquanto pessoa.

Concluindo, cabe a estes profissionais manterem a disciplina em sala de aula e ao mesmo tempo ter uma postura afetiva, estimular os alunos mais rápidos, apoiar os que demoram mais tempo a trabalhar, manter um bom ambiente na sala, planificar atividades e avaliá-las, receber os pais, transmitir o desenvolvimento do seu filho, organizar atividades extraescolares e participar nas reuniões de professores e de turma. (Esteve & Fracchia, 1988).

## **2.2. Estágio em 1ºCiclo (3ºano)**

A escola que nos recebeu para este estágio em 1º ciclo- 3º ano pertence ao concelho de Santarém. Teve uma duração de seis semanas, tendo início a 23 de abril de 2019 e terminando a 31 de maio de 2019.

Era composta por 6 salas de aula equipadas com os materiais necessários na para o funcionamento das aulas, um espaço exterior coberto não muito amplo, sem “diversões” e um espaço descoberto bastante amplo com baloiços, escorregas e balizas para que os alunos pudessem usufruir.

O refeitório da escola funcionava por turnos, ou seja, primeiro almoçavam os alunos de 1º e 2º anos e só depois os 3º e 4º anos, para que as crianças pudessem fazer a sua refeição sem muito ruído e com calma.

Refiro ainda a inexistência de uma sala de professores, impedindo assim o contacto diário com as restantes professoras, não havendo, portanto, uma relação mais próxima de partilha.

### **2.2.1. Caracterização da sala e dos materiais**

Fazendo uma breve caracterização da sala, esta era acolhedora, possuindo uma área razoável para uma turma grande e tinha todos os materiais ao alcance das crianças. Possuía ainda um quadro interativo que servia tanto para expor os conteúdos (digitalmente) como para escrever (com caneta), tinha ainda um quadro de ardósia que apenas era utilizado para expor elementos decorativos ou trabalhos realizados pelos alunos.

No entanto, o espaço da sala poderia estar melhor organizado, centralizando o quadro interativo na parede, uma vez que este localizava-se no lado esquerdo da parede da sala, dificultando a visualização do mesmo para os alunos que se encontravam no lado direito da sala.

Existiam ainda 3 armários de arrumação e 2 placards para exposição dos trabalhos dos alunos.

Era uma sala iluminada com bastante luz natural, o que se tornou uma vantagem, mas também uma desvantagem, uma vez que não tinha estores, tornando a visibilidade do quadro insuficiente.

### **2.2.2. Caracterização do grupo**

Este estágio foi realizado numa turma de 3º ano, com a professora cooperante Sílvia Mexia, onde tivemos 26 crianças, sendo 14 meninas e 12 rapazes. Nenhuma das crianças apresentava ter Necessidades educativas Especiais (NEE), mas uma delas possuía uma falta de concentração muito grande, não conseguindo estar focado no que era para fazer, uma vez que tudo à sua volta era um estímulo para se distrair.

No entanto a maior parte da turma apresentava ter dificuldades a nível da aprendizagem, uma vez que era um grupo que tinha tendência a distrair-se e a gerar ruído facilmente, precisando de ajuda para realizar quase todos os exercícios que lhes eram propostos, acabando assim por serem pouco autónomos.

Nesta turma, havia um aluno de nacionalidade francesa que tinha vindo de França para Portugal no início deste ano letivo e como tal tinha alguma dificuldade a nível do português, sendo acompanhado por uma professora de apoio de língua materna. Havia alguns alunos que tinham apoio educativo, indo uma professora de apoio à sala.

### 2.2.3. Projeto de Estágio

<b><i>O que os alunos podem aprender</i></b>	<b><i>Estratégias a serem desenvolvidas</i></b>	<b><i>Como iniciar</i></b>	<b><i>Recursos</i></b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o conceito de partilha;</li> <li>- Compreender o significado de partilha;</li> <li>- Desenvolver o sentido de gratidão;</li> <li>- Promover a interação entre crianças;</li> <li>- Perceber que as birras não são solução para o que querem atingir.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender as conceções das educadoras/professoras sobre as birras nas crianças;</li> <li>- Identificar estratégias educativas utilizadas pelas educadoras/professoras que possam ajudar a criança a gerir/ultrapassar uma situação de birra;</li> <li>- Averiguar a existência de comunicação entre a educadora/professora e as famílias, no que concerne às birras das crianças;</li> <li>- Caracterizar a comunicação estabelecida entre a família e a educadora/professora, no que toca à troca de informações/estratégias relativas às birras da criança.</li> </ul>	<p>Maqueta do sistema solar</p>	<p><u>Humanos:</u></p> <p>Professora (apoio para controlar o grupo, dar opiniões e fazer observações); Estagiária (em intervenção); Estagiária (apoio às crianças e controlar o grupo, fazer registos de observação); Grupo de crianças</p> <p><u>Materiais:</u></p> <p>Lápis de grafite; Folhas de papel; Borracha; Áudios; Colunas; Manuais; Papel de lustre; Quadro interativo; Tintas; Jornais Balões; Lápis de cor; Tesoura; Cola líquida; Algodão; Cartolina; Computador; Arcos; Pinos;</p>

			Cesto de basquetebol; Cola branca; Pinceis.
<p><b>Conexões com outras matérias e saberes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Português</li> <li>- Estudo do meio</li> <li>- Expressão Plástica</li> <li>- Expressão dramática</li> </ul>	<p><b>Tema</b></p> <p>A birra e a partilha</p> <p><b>Ideias chave ou fio condutor</b></p> <p>Promover a partilha e identificar estratégias para lidar com a birra</p>		<p><b>Divulgação</b></p> <p>Exposição nos quadros da sala dos trabalhos realizados</p>
<p><b>Atividades para toda a turma</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura da história "Mãe querida mãe"</li> </ul>	<p><b>Atividades em grupo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção da maquete do sistema solar;</li> <li>- Estafetas com obstáculos;</li> </ul>	<p><b>Atividades individuais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Circuito com obstáculos</li> </ul>	<p><b>Avaliação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta;</li> <li>- Grelhas de registo de observação /avaliação;</li> <li>- Registo fotográfico;</li> </ul>

Tabela 4 - Panorama em teia do projeto de estágio "A birra e a partilha"

#### Contextualização do projeto:

O projeto engloba dois temas específicos, sendo estes a partilha e as birras. Estas temáticas foram selecionadas indo ao encontro dos nossos relatórios finais.

Sendo assim, eu e a minha colega voltamos a fazer um projeto parecido com o que realizámos no estágio anterior, que se prendiam com a temática das birras e da partilha. A fundamentação teórica é igual á do projeto do estágio anterior, o que se altera são as atividades realizadas para promover a partilha entre as crianças.

Em todas as intervenções tentamos integrar os temas dos nossos relatórios finais. Para esse efeito, temos tentado concretizar trabalhos de grupo ou a pares para tentar compreender se conseguem partilhar os materiais com os colegas.

Ao realizar tarefas de expressão plástica, pude observar que numa primeira fase os grupos ou os pares sentiram dificuldades na partilha dos materiais, por exemplo, ambos queriam colocar cola, o jornal. De um modo geral, os alunos ainda sentiam dificuldade em conseguir partilhar algo, querendo realizar tudo sozinhos.

Nas últimas semanas de estágio, os alunos já estavam habituados a trabalhar uns com os outros, conseguindo partilhar os materiais.

Quanto ao tema das birras, este grupo tinha muita tendência para a ocorrência de birras, essencialmente no recreio. A cooperante tinha uma estratégia, onde em sala de aula, a criança que estava a fazer birra falava com ela e tentavam resolver a situação da melhor maneira.

Optei por realizar a mesma estratégia com as crianças quando decorriam birras e notei uma grande diferença em relação a outro estágio que realizei onde a professora ignorava as birras dos alunos. A meu ver, ignorar não é uma boa estratégia pois os alunos continuam a fazer birras com frequência, já com esta estratégia as birras naqueles alunos vão diminuindo.

#### Atividade desenvolvida:

Em relação às atividades realizadas, destaco a atividade na Expressão Plástica, onde os alunos tinham de construir o sistema solar.

Esta tarefa tinha como objetivos estimular a partilha nas crianças, estimular a interação nas crianças e escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas.

Primeiramente realizei uma revisão do sistema solar que tinha sido lecionado na semana anterior.

De seguida, dando início à construção do sistema solar, foram utilizados diversos materiais como balões, jornais e cola branca para construir a estrutura dos planetas, bem como cartão para construir a base do sistema. A turma foi dividida em grupos de cinco elementos, com o intuito de partilhar os materiais e construir os planetas em conjunto, cada grupo foi responsável por construir um planeta escolhido pela estagiária.

Foram mostrados aos alunos imagens reais dos planetas, através do quadro interativo, para que estes soubessem as cores que teriam de utilizar na pintura dos seus planetas. Posto isto, os alunos através da exposição dos planetas, puderam basear-se nas imagens para conseguirem pintar o seu planeta ou o sol.

Por último, os planetas foram colados ao cartão que servia de base ao sistema solar, despondo os mesmos, do mais perto para o mais afastado do sol. No final, este trabalho foi exposto na sala de aula.

A construção dos planetas trouxe sempre momentos de agitação na turma, sendo uma atividade que os alunos se entusiasmam e tendem a fazer mais ruído. Esta turma já estava

habituada a realizar atividades em grupo e a pares, sendo assim as atividades correram sempre bem e os alunos construíram em conjunto, partilhando os materiais.



*Figura 7 - Atividade sobre o sistema solar (construção dos planetas)*



*Figura 6 - Continuação da atividade sobre o sistema solar (construção dos planetas)*

### Avaliação do projeto:

Para a avaliação das atividades, realizámos alguns instrumentos de avaliação, nomeadamente as grelhas de registo de observação /avaliação (anexo 7), o registo fotográfico e a observação direta

Ao analisar as grelhas de registo de observação/avaliação e através da observação direta, pude observar que as crianças estavam interessadas e empenhadas nas tarefas que concretizavam.

Em relação ao tema da partilha, pude perceber que os alunos ainda sentem dificuldade em conseguir partilhar algo, verificando-se nas atividades de expressão plástica, onde estes mostraram que queriam fazer tudo sozinhos, não deixando os outros colegas contribuir.

Ao longo do estágio, foi-se verificando uma evolução, ou seja, eles próprios conseguiram entender que todos tinham de participar de igual forma nas tarefas propostas, concluindo assim que nas atividades futuras conseguiriam partilhar os materiais.

Em relação ao tema das birras, pude observar que estas decorriam maioritariamente no recreio. A professora pedia às auxiliares para que estas lhe contassem todas as birras que os seus alunos fizessem no recreio, para depois tentar resolver a situação dentro em sala de aula.

A meu ver era uma estratégia boa pois assim não estávamos a ignorar as suas birras, mas sim a tentar fazê-los entender que não podem fazer tudo o que querem, e que ainda vão ter de ouvir muitos não.

Esta observação acabou por ser muito útil para o meu trabalho de pesquisa, na medida em que pude observar a evolução dos alunos em relação às birras através desta estratégia. Concluo assim, que esta estratégia resultou muito bem naqueles alunos, pois eles preferiam que a professora tentasse resolver a situação com eles. A cooperante também tentava alertá-

los que nem sempre estão certos e que não valia a pena fazerem birras porque não iriam conseguir o que pretendiam com isso.

#### **2.2.4. Autoavaliação do percurso de aprendizagem realizado**

O projeto que tive oportunidade de desenvolver, recaiu sobre o tema das birras, tendo observado dentro dos possíveis as birras existentes dentro da sala e também no recreio. Durante este período consegui perceber que as birras são mais existenciais fora da sala de aula, ou seja, quando estes estão a brincar entre eles, quando algo não lhes corre como querem, é nessa altura que aparece a birra pois não gostam de ser contrariados.

A professora cooperante, a meu ver, tinha uma boa estratégia. Quando havia uma birra, a professora falava com as crianças sobre o ocorrido e tentava fazê-los ver que não se pode ter sempre o que querem. Assim as crianças acabavam por refletir sobre o que acabara de passar.

Em suma, compreendi que as crianças não gostam de ser contrariadas, fazendo birras como forma de o demonstrar. Ao conversarmos com elas, tentando sempre fazê-las perceber que o que estão a fazer não está certo e que não pode ser tudo como elas querem, com o tempo e à medida que vão crescendo, acabam por perceber isso fazendo menos birras.

No início do estágio estava com receio de lecionar alguns conteúdos de matemática, nomeadamente a massa e a capacidade pois são temáticas que requerem algum raciocínio por parte das crianças e tinha algum medo de não me conseguir explicar bem, no entanto correu bem e eles conseguiram entender pois tentei explicar estas matérias com experiências e atividades lúdicas para que não fosse apenas teoria, ou seja algo abstrato para eles, pois assim é mais fácil para conseguirem perceber devido às dificuldades de aprendizagem que apresentam.

Senti algumas dificuldades ao nível de conseguir controlar a turma devido ao seu mau comportamento, especialmente quando escrevia no quadro porque tinha de estar de costas para eles ou quando ia ao lugar tirar alguma dúvida pois eles aproveitavam sempre para falar. Era nas aulas de expressões onde eu tinha mais dificuldades em conseguir controlar a turma, na medida em que eram atividades diferentes onde mexiam em tintas e iam para a rua e os alunos acabam por se animar e deixavam de me prestar atenção. Com o passar dos dias e das semanas, fui percebendo quais os alunos que perturbavam a aula, parando a aula para lhes chamar a atenção.

## *Parte II – Parte Investigativa*

### *Introdução*

Esta segunda parte do relatório aborda a dimensão investigativa. Posto isto, esta segunda parte do relatório encontra-se dividida em três capítulos distintos, sendo que o primeiro capítulo faz referência ao enquadramento teórico, o segundo capítulo às opções metodológicas de investigação fazendo-se referência aos procedimentos adotados para esta pesquisa e, o terceiro, à apresentação e análise dos resultados obtidos.

No final, encontram-se as considerações finais, onde constarão as limitações deste estudo e sugestões para investigações futuras.

Esta dimensão investigativa incide sobre a temática das birras e as situações em que ocorrem, uma vez que durante a Prática Pedagógica em Educação de Infância, surgiu a necessidade de estudar mais o assunto, uma vez que o grupo de crianças com quem eu estava a intervir recorriam muitas vezes à birra para atingir os seus objetivos.

Sendo assim, tornou-se pertinente aprofundar os meus conhecimentos sobre este assunto em questão e refletir sobre as estratégias que uma educadora de infância pode utilizar para contornar ou evitar situações de birra.

Tendo como foco, compreender o olhar da educadora sobre as birras das crianças, partiu-se para uma investigação qualitativa, definindo os seguintes objetivos: i) conhecer e descrever as conceções das educadoras/professoras sobre as birras nas crianças; ii) identificar estratégias educativas utilizadas pelas educadoras/professoras que possam ajudar a criança a gerir/ultrapassar uma situação de birra e iii) caracterizar a comunicação estabelecida entre a família e a educadora/professora, no que toca à troca de informações/estratégias relativas às birras da criança.

## Capítulo I - Fundamentação Teórica

Neste capítulo, encontra-se o enquadramento teórico, onde se abordam os conceitos centrais do presente estudo. Procurarei apresentar a opinião de alguns autores no que concerne à temática das birras. Assim, o mesmo encontra-se organizado em cinco subcapítulos distintos, nomeadamente: i) O que é a birra; ii) A relação entre a birra e o desenvolvimento da criança; iii) Comportamentos associados às birras; iv) Causas e razões que podem levar às birras e v) Estratégias pedagógicas para lidar com as birras.

### 1. O que é a birra?

As birras são um comportamento comum nas crianças sendo um elemento característico da sua vida. Posto isto, é importante a criança fazer birras, já que este é muitas vezes uma reação a um processo fisiológico (Solter, 2006). É necessário deixar as crianças fazerem birras, uma vez que estas fazem parte do seu desenvolvimento normal (Ford, 2011).

Segundo Piaget, existem quatro estádios de desenvolvimento cognitivo. É no estádio pré-operatório, que abrange crianças dos dois anos aos sete anos, onde se encontra o egocentrismo. Segundo este, o egocentrismo infantil, é fundamental, primário e radical para a criança, sendo também um fenómeno universal. No entanto, Piaget refere que o egocentrismo é um fenómeno e não um estágio ou fase do desenvolvimento da criança, cuja manifestação se dá tanto a nível cognitivo quanto a nível social.

O pensamento egocêntrico é inconsciente, sendo que "o egocentrismo infantil é então, em sua essência, uma indiferenciação entre o eu e o meio social" (Piaget, 1997, pág. 81),

Posto isto, as crianças ainda estão muito centradas nelas próprias e nos seus interesses. Falta-lhes ainda uma visão sistémica e organizada do mundo, não compreendem a comunicação dos adultos devido à sua falta de vocabulário e estão habituados a terem tudo e a fazerem tudo como querem (Cordeiro, 2011).

As birras decorrem de uma necessidade e para que consigamos perceber melhor a questão das birras, é preciso descobrir quais são os sentimentos que as levam a ter tal reação. Assim sendo, as birras, "vão buscar os seus fundamentos ao medo, à onnipotência (evidente, perdida ou latente), à aprendizagem das regras sociais, à frustração de não se poder «ter tudo, já», ao interiorizar da dimensão humana (e de que não somos deuses), à dicotomia entre o «eu» e o «outro», e a tempos de infância mais precoce dos quais, em adultos, não nos recordamos, pelo menos a nível consciente" (Cordeiro, 2011, p. 16).

Passando ao seu conceito, uma birra é a expressão de uma multiplicidade de sentimentos e para a entender, temos de compreender a sua relação com esses mesmos

sentimentos, nomeadamente o medo, o temperamento individual, bem como as diversas etapas do desenvolvimento (Cordeiro, 2011). As crianças quando ficam perturbadas com uma certa situação têm tendência a agir, nomeadamente a fazer birra, em vez de comunicar verbalmente aquilo que as está a perturbar, sendo esta a sua forma de o comunicar (Phillips, 2011). É por isso, que quando estas sentem certas emoções como raiva e desespero, tenham tendência a mandarem-se para o chão e a espernear, em vez de comunicar verbalmente aquilo que sentem (Phillips, 2011).

Por último, as crianças que são permitidas fazer birra, tornam-se mais simpáticas, relaxadas, mais felizes, cooperantes, deixando de ser exigentes com elas e de ser agressivas com os outros (Solter, 2006).

## **2. A relação entre a birra e o desenvolvimento da criança**

Assim sendo, podemos afirmar que as birras serão ultrapassadas com a maturidade e crescimento da criança, sendo que estes contribuem para que a criança adquira responsabilidade, tolerância à frustração, bem como a aceitação do seu papel entre os demais e na sociedade em geral (Cordeiro, 2011).

Assim sendo, as birras são uma resposta biológica e psicológica da criança, associada aos seus medos e angústias e às suas negações existenciais (Cordeiro, 2011). Posto isto, a criança começa a fazer birras porque entende que o mundo afinal não é regido em função dele, ou seja, percebe que está a perder alguma onipotência (Cordeiro 2011).

Com isto, ao longo do tempo, a criança vai começando a fazer cada vez menos birras, porque já se encontra num estado de estruturação, de desenvolvimento, em que já tem uma certa tolerância em relação à frustração e onde começa a ter algum respeito, empatia e solidariedade pelos outros (Cordeiro, 2011). Voltando aos estádios de Piaget, segundo este, no estágio das operações concretas, as crianças vão se tornando menos egocêntricas, começando a entender que nem todos partilham os mesmos pensamentos, crenças ou sentimentos, começando assim, progressivamente, a desenvolver capacidade de se colocar no ponto de vista do outro, o pensamento é cada vez mais estruturado devido ao desenvolvimento da linguagem.

Posto isto, crianças já são capazes de pensar sobre o próprio pensamento e sobre os pensamentos das outras pessoas e, portanto, conseguem perceber que, face a uma mesma situação, diversas pessoas têm diferentes pontos de vista.

Assim sendo, podemos concluir que as birras são “parte da condição humana, em qualquer idade, mas mais comum nas crianças porque fazem parte da identidade do crescimento e de uma tentativa de conquistar a identidade pessoal” (Cordeiro, 2011, p. 406)

### **3. Comportamentos associados às birras**

Tendo em conta os diversos sentimentos que a criança vivência, estes podem levar a vários comportamentos. Um desses possíveis comportamentos são os agressivos, sendo estes muito comuns de acontecer em situações de birra. Isto porque, uma das formas que a criança tem de lidar, por exemplo, com a raiva que sente, é sendo agressiva (Phillips, 2011)

Estes comportamentos começam a surgir a partir dos três anos, sendo que a agressividade, está mais direcionada para os outros, no entanto, muitos desses comportamentos estão relacionados com os medos das crianças (Brazelton & Sparrow, 2003).

Segundo Solter (2006, pág 108), “a violência é uma expressão distorcida da raiva ou terror por parte da pessoa num ambiente onde não é seguro revelar ou libertar sentimentos fortes.” Posto isto, os comportamentos agressivos sucedem porque não foi autorizado à criança fazer birras e, por isso, acumulou dentro de si, sentimentos de raiva, frustrações, ressentimentos e medos, passando assim para uma forma de violência contra os outros ou contra eles próprios (Solter, 2006).

Os comportamentos agressivos não devem ser ignorados, pois uma criança que o apresente durante uma birra, está em sofrimento e em risco de se magoar a ela e aos outros, podendo ocorrer comportamentos agressivos tais como bater, dar pontapés, morder ou empurrar as outras crianças (Cordeiro, 2011). Com isto, quando uma criança estiver a ter um comportamento mais violento, deve ser detida, de forma a provocar na criança uma libertação de lágrimas, libertando assim o stresse acumulado (Solter, 2006).

Como tal, quando uma criança estiver a ter uma conduta violenta, esta deve ser detida, para que a criança possa libertar o stresse acumulado, sendo nesse ponto de vista que a existência da agressividade pode ser de certa forma, boa, uma vez que permite “alertar para o perigo, capacidade de resposta a situações de perigo, adequação nessa resposta, afirmação da individualidade e justificação da existência perante os outros e perante si próprio, afirmação da autonomia, experimentação dos limites, desenvolvimento do autocontrolo, capacidade de aperfeiçoamento, vontade de realização, energia para vencer dificuldades e obstáculos” (Cordeiro, 2011, p.44 e 45).

Segundo Cordeiro (2011), existem diversas formas de agressividade, nomeadamente:

- a) Agressividade expressa em violência física** – Quando uma criança apresenta um comportamento agressivo que roça a violência e a vontade de magoar os outros, deve-se apontar esse caminho como algo que não é bom. Caso não o façamos, a criança ficará a pensar que é um comportamento que lhe traz benefícios.

**b) Agressividade expressa em violência verbal** - A criança que adota este comportamento, fica mais distante da outra criança e usa a linguagem, pois para agir fisicamente, tem de se aproximar do outro e arrisca-se a que o outro lhe bata também e assim, esta pode agredir pois consegue-se afastar mais rapidamente sem ser atingido fisicamente.

Esta é a fase em que começam a chamar alguns nomes, como “estúpido”, “Parvalhona”, entre outros. Este comportamento também não pode ser ignorado pois o insulto não deixa de ser uma agressão, apenas é uma agressão diferente ao bater, morder, empurrar.

**c) Agressividade expressa só para consolo do próprio** - Neste tipo de agressividade, a criança insulta em voz baixinha, mais como forma de consolo de si próprio. Neste sentido, a criança pretende ter a última palavra, em vez de provocar o adulto.

Para que os educadores possam lidar com situações de agressividade, Mário Cordeiro (2011), fornece algumas dicas para evitar que a agressividade se transforme em violência. Sendo assim, o autor defende que se deve tentar acalmar a criança, perguntar como se sente, garantir que a criança não se magoa nem magoa os outros, explicar que se percebe que a criança sinte raiva mas que há outras razões para pensar e se moderar, desenvolver técnicas de autocontrolo (respirar fundo, contar até 20), refletir sobre o que aconteceu e perguntar-lhe que alternativas de comportamentos poderia ter tido e analisar o que ganharia e perderia e por ultimo, lembrar sempre que mesmo que tenha razões para explodir, a sua explosão tem efeitos colaterais sobre os outros, além de não ajudar na resolução do problema (Cordeiro, 2011).

#### **4. *Causas e razões que podem levar às birras***

Existem diversas razões que podem desencadear uma birra, pois estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança (Valente, 2014). Sendo assim, estas podem variar, uma vez que pode ser devido à personalidade da criança ou até mesmo devido ao contexto em que esta está inserida (Cordeiro, 2011).

Como já foi mencionado anteriormente, uma vez que as crianças ainda não têm a sua linguagem desenvolvida, estas também utilizam a birra para transmitir aos outros as suas necessidades (Solter, 2006).

As crianças ainda não conseguem assimilar a palavra “não”. Sendo assim, segundo Cordeiro (2011, p.66 e 67), os pais devem mostrar às crianças que há “caminhos vedados e sentidos proibidos, e que não será o “método birra” que fará mudar as ideias dos pais, nem a vitimização” e que “a vida é feita de escolhas, sendo impossível ter tudo. Para ter isto, que corresponde a um desejo, renunciamos aquilo ou aquele outro, que também eram nossos desejos. Em cada escolha, que nos pode dar felicidade, existem outras tantas escolhas, pela negativa, que nos causam frustração”.

Posto isto, apesar das birras das crianças, devemos manter a nossa posição em relação ao que está a ser negado à criança para que aprendam que não podem ter sempre tudo, mas, no entanto, há diversas formas de se expressar o “não”.

Posto isto, algumas birras podem surgir para chamar a atenção dos adultos, para a sua afirmação do poder, vingança ou desistência (Valente, 2014) e podem aparecer também quando não se estabelece limites às crianças. Além disto, os hábitos alimentares e as horas de sono estão relacionados à frequência com que as birras podem suceder durante o dia (Ford, 2011).

As birras das crianças podem suceder em diversos lugares e a qualquer hora do dia. Muitas das situações de birra ocorrem no jardim-de-infância e estas podem ocorrer por diferentes motivos. Posto isto, as birras podem ocorrer em qualquer circunstância, mas habitualmente, ocorrem na hora das refeições, na hora da sesta, na sua relação com os outros, podendo ser através de brincadeiras entre crianças, já que estes momentos estão relacionados com as horas em que a criança está mais cansada (Ford, 2011).

Pode ainda ocorrer na “hora da refeição, em público, em ambientes com muita gente ou confusão, quando tem sono, quando tem fome, quando está cansada, quando quer muito uma coisa e não entende porque não lha dão” (Cordeiro, 2011, p.72 e 73). Acontece também muitas vezes durante as brincadeiras entre as crianças, isto porque, muitas vezes, não querem emprestar os brinquedos ou porque querem os brinquedos das outras crianças. Também para Ford, as birras são muito frequentes quando as crianças brincam umas com as outras e por isso, é necessário ensiná-la a cooperar com os outros.

Estes comportamentos também sucedem, porque as crianças sentem-se inseguras, ciumentas ou ressentidas, no entanto são ataques intencionais e não planeados. Posto isto, é importante evidenciar que esse comportamento é inadmissível e que a criança deve perceber isso, explicando-lhe sempre a razão de esse comportamento ser desadequado (Ford, 2011). A raiva, o ciúme, o medo e a frustração são mais alguns dos sentimentos que podem estar associados à birra (Ford, 2011).

## **5. Estratégias pedagógicas para lidar com as birras**

Existem várias estratégias que podem ser utilizadas para diminuir as situações de birra. No entanto, nenhuma estratégia resulta a longo prazo, sendo que as estratégias devem ser variadas conforme a situação (Cordeiro, 2011).

Assim, passando para as estratégias “antibirra”, devemos manter-nos calmos, não responder emocionalmente, levar a criança para um local onde possamos conversar calmamente e sem outras crianças em volta, dizermos às crianças que gostamos delas embora o seu comportamento esteja a ser errado, entre outros. No entanto, não devemos estar constantemente a repetir e a massacrar a criança, culpabilizando-a, nem se deve envergonhar, chantagear ou ameaçar a mesma (Cordeiro, 2011).

Sempre que alguma criança estiver a fazer birra, deve ser conduzida para um local afastado. Depois de ser levada para um local isolado, deve-se deixar a criança acalmar, para depois o educador tentar perceber as suas razões, antes de a julgar (Cordeiro, 2011).

Depois de levar a criança para um local isolado e quando a criança deixar de fazer birra, deve-se conversar com ela, sobre as razões que a levaram a ter essa atitude e as consequências da mesma (Brazelton & Sparrow, 2003). No entanto Valente (2014) afirma a importância de não tentar parar uma birra, mas sim ignorá-las, ficando ao lado da criança mas sem gritar, nem ameaçar.

No entanto, há formas de evitar ou minimizar a situações de birra. Assim, basta tentar estabelecer as regras em conjunto com as crianças; ouvir o que a criança tem para dizer sobre um determinado assunto, ouvir a criança, deixar a criança expressar-se sobre as regras e as ordens que lhe são dadas; explicar os porquês, para que a criança entenda a necessidade das regras; dar liberdade às crianças em termos de gestão de tempo e também para treinar as suas escolhas; dar uma certa autonomia à criança para que ela possa vir a ganhar responsabilidade; dar elogios à criança; não falar numa linguagem complexa, para que a criança consiga perceber o que foi proferido e responsabilizar a criança, para que ela entenda que as suas ações têm consequências (Cordeiro, 2011).

Segundo Brazelton e Sparrow (2003), as birras são maioritariamente desencadeadas quando as crianças pretendem adquirir a sua autonomia e são incapazes de tomar decisões, como tal, e como já foi referido anteriormente, deve-se deixá-las decidir sobre aquilo que querem, de forma a se tornarem mais independentes no futuro e a dominarem melhor os seus sentimentos.

Para além disso, para prevenir uma situação de birra, não se deve deixar as crianças muito tempo sem atenção, já que pode ficar a pensar que não lhe ligam e, por isso, irá fazer uma birra para tentar chamar a atenção (Cordeiro, 2011).

Concluindo, é essencial que, perante uma birra, os educadores se mantenham calmos (Cordeiro, 2011). Os educadores devem-se baixar para ficar ao nível da criança, para que o pedido seja percebido e ouvido de forma correta, ou seja, para que a mensagem seja bem compreendida pela criança. Deve-se, ainda, recompensar os comportamentos positivos que crianças mostrem, incentivando-as, dizendo que “portar bem é bom!”, dar-lhes algum controlo em pequenas coisas, de forma a tornarem-se mais independentes (Cordeiro, 2011; Brazelton & Sparrow, 2003). Valente (2014) defende que o elogio apenas pode ser usado quando a criança faz uma boa ação e não durante uma situação de birra. Com isto, é importante tentar perceber a criança quando esta está a fazer uma birra, encorajando-a a ter um bom comportamento (Valente, 2014).

No entanto, caso a criança continue a ter um comportamento desadequado, é importante a criança ser avisada das consequências desse comportamento, bem como é importante dizer que não, na primeira fase da infância (Phillips, 2011). Com isto, prevenir as birras, passará por criar um ambiente de amor e carinho, para que a criança se possa desenvolver, estas devem ainda ser tratadas com paciência e respeito (Solter, 2006). Durante uma birra é importante dar às crianças amor e atenção, porque estas precisam de saber que são amadas e compreendidas (Solter, 2006).

Em jeito de conclusão deste capítulo, conclui-se que as birras fazem parte do desenvolvimento natural da criança, devido a diversos sentimentos e emoções. As causas deste fenómeno são diversas, prendendo-se com o egocentrismo, com o facto de não aceitarem o não como resposta, a frustração, entre outros. No entanto, há diversas estratégias que podem ser utilizadas para prevenir as birras, mas nem todas funcionam de igual forma com as crianças. Nomeadamente acalmar a criança, levá-la para um local sozinha para poder, de certa forma, pensar no que está a fazer, bem como conversar com a criança para tentar perceber as razões e atribuir possíveis consequências.

## Capítulo II – Metodologia de Investigação

Neste capítulo, será exposta a metodologia de investigação utilizada no decorrer da investigação, sendo que a mesma se encontra estruturada em quatro aspetos essenciais, nomeadamente a questão de investigação e os objetivos, o contexto do estudo, as técnicas de recolha de dados, nomeadamente a entrevista e a análise documental e o tratamento da informação recolhida.

### 1. Opções metodológicas

#### a. Questão de investigação e objetivos

A escolha da problemática, “As birras no pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico”, surgiu devido a uma contingência com que me deparei no primeiro estágio de intervenção que realizei no contexto de creche, uma vez que não sabia como agir quando as crianças faziam birra.

Sendo assim, achei pertinente debruçar-me sobre este tema para realizar a minha investigação, uma vez que são episódios que perturbavam o grupo e a prática da educadora/professora, já que os alunos deixavam de estar concentrados no que estavam a realizar, o que por sua vez fazia com que a docente deixasse de conseguir controlar a turma.

Posto isto, definiu-se a seguinte pergunta de investigação: “Quais as estratégias pedagógicas utilizadas pelas educadoras de infância e pelas professoras do 1º ciclo do ensino básico para ajudar a criança a gerir/refletir sobre uma situação de birra?”

Partindo da questão de investigação, definiu-se como objetivos do estudo:

- Descrever as conceções das educadoras sobre as birras das crianças;
- Identificar estratégias educativas, utilizadas pelas educadoras/professoras, que possam ajudar a criança a gerir/ultrapassar uma situação de birra;
- Caracterizar a comunicação estabelecida entre a família e a educadora/professora, no que toca à troca de informações/estratégias relativas às birras da criança.

Como forma de tentar dar uma resposta à minha questão de investigação, elaborei estes objetivos para me ajudarem a recolher os dados necessários para obter respostas à pergunta e para tal, realizei entrevistas a três educadoras e a três professoras.

### ***b. Tipo de estudo***

Para dar uma resposta à minha questão de investigação optei por concretizar um estudo qualitativo. Segundo Bogdan e Biklen (1994) os dados recolhidos encontram-se em forma de palavras e não por valores numéricos, tendo assim uma compreensão detalhada, uma vez que são essencialmente de natureza descritiva.

O autor refere ainda a importância de o investigador frequentar os locais onde ocorrem habitualmente os fenómenos que pretende investigar, obtendo os dados através de conversas, observações, entrevistas, entre outros.

## ***2. Contexto de estudo***

### ***a. Sujeitos de estudo/ participantes***

Estes sujeitos de estudo foram fundamentais para a elaboração deste relatório final, pois o tema abordado não tem uma solução que seja única para todas as situações, tornando-se mais complexo perceber como atuar perante uma situação de birra. Assim, com a participação dos vários sujeitos de estudo, posso entender como surgem alguns acontecimentos e as diversas formas de resolver e ultrapassar, dependendo do educador ou professor.

Para este estudo entrevistei seis docentes, três Educadoras de infância e três Professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico, em que as três educadoras e duas das professoras pertencem à cidade de Santarém e a terceira professora pertence à cidade de Lisboa.

Todos os sujeitos são do sexo feminino, onde as educadoras de infância tinham idades compreendidas entre os 54 e os 47 anos de idade e as professoras entre os 55 e os 45 anos de idade. Relativamente à experiência profissional das Educadoras, esta varia entre os 23 e os 27 anos de serviço, enquanto que a das Professoras variam entre 21 e os 32 anos de serviço.

Todas as entrevistadas encontravam-se no ensino privado, as educadoras entrevistadas encontravam-se na sala dos 2, 3 e dos 5 anos e as professoras encontravam-se nas turmas do 3º e 4º ano de escolaridade.

### **3. Técnicas de recolha de dados**

#### **a. Entrevista**

O tipo de entrevista que utilizei nesta investigação foi a entrevista semiestruturada. produzi um guião estruturado, com 12 questões abertas, como forma de dar alguma de liberdade ao entrevistado de mostrar as suas ideias, sem fugir às questões previamente preparadas (Sousa & Baptista, 2011).

A escolha da entrevista individual, prendeu-se com o facto de poder aceder à linguagem do sujeito, possibilitando assim ao investigador elaborar uma ideia sobre a forma como os sujeitos interpretam determinados aspetos do mundo. Posto isto, a entrevista serviu para os entrevistados divulgarem os seus pontos de vista segundo determinada temática investigativa. (Bogdan & Biklen, 1994).

Procurei retirar o máximo de informação sobre as estratégias educativas utilizadas pelas educadoras/professoras para gerir/ultrapassar as birras das crianças. Para esse efeito criei, como referi anteriormente, um guião (anexo 1) onde são apresentados os objetivos e os blocos das entrevistas.

A entrevista está dividida em três blocos, sendo estes identificar as concepções sobre as birras das crianças, identificar estratégias pedagógicas para gerir/ultrapassar situações de birra e por último, identificar a comunicação entre as famílias e a educadora/professora.

No primeiro bloco, procurei caracterizar as concepções das educadoras/professoras sobre as birras das crianças, de seguida a minha investigação recai sobre a identificação de estratégias educativas que possam ajudar a prevenir uma situação de birra e em casos em que as birras estejam a decorrer, tentar identificar estratégias para as ultrapassar. No terceiro e último bloco, procurei conhecer através da comunicação entre a família e a educadora/professora, as possíveis estratégias que utilizam em casa ou possíveis razões de existência das birras na escola/jardim de infância.

Cada bloco identificado acima, possui objetivos específicos, sendo eles os seguintes:

- Para o 1º bloco – caracterizar as concepções das educadoras sobre as birras das crianças;
- Para o 2º bloco – identificar estratégias educativas, utilizadas pelas educadoras/professoras, que possam ajudar a criança a gerir/ultrapassar uma situação de birra;
- Para o 3º bloco – averiguar a existência de comunicação entre a educadora/professora e as famílias, no que concerne às birras das crianças;

- caracterizar a comunicação estabelecida entre a família e a educadora/professora, no que toca à troca de informações/estratégias relativas às birras da criança.

Para a realização das entrevistas aos sujeitos, dirigi-me aos seus locais de trabalho, onde as educadoras/professoras me guiavam para uma sala vazia onde pudesse ocorrer a entrevista sem interrupções. Antes de iniciar a entrevista perguntei sempre se podia ser gravada, ao que nenhuma se opôs. Em geral cada entrevistada demorou entre 10 a 15 minutos a serem respondidas.

#### ***b. Análise documental***

A análise documental tem vindo a tornar-se importante para a investigação qualitativa, visto que pode servir para complementar as informações recolhidas através das outras técnicas de recolha de dados (Sousa & Baptista, 2011).

Bem como, a obra de Bardin (1977) para a realização da tabela de análise pois tive de aprender a analisar as entrevistas. Posto isto, após a transcrição integral das entrevistas concretizadas e procedi à análise dos seus conteúdos, explorando todo o corpo do texto, onde identifiquei as unidades de registo e as categorizei. Depois das entrevistas analisadas, criei uma grelha onde menciono as categorias, subcategorias e algumas das frases que os sujeitos evidenciaram.

#### ***4. Tratamento da informação recolhida***

Após a transcrição integral de todas as entrevistas realizadas, de modo a proceder ao tratamento de toda a informação recolhida e baseando-me no procedimento de análise de conteúdo de Bardin (2009), foram construídas, a partir dos dados recolhidos, algumas categorias de análise.

O método de análise de conteúdo adequa-se à análise de questões abertas. Sendo assim, após a transcrição das entrevistas criei uma tabela onde identifico as categorias, as subcategorias e as unidades de registo emergentes no discurso dos sujeitos, ou seja, algumas frases que as docentes tinham evidenciado. Podemos observar essa tabela nos anexos (anexo 3).

## Capítulo III – Apresentação e análise dos resultados obtidos

Neste capítulo, procede-se à apresentação e discussão dos resultados obtidos nesta investigação. Primeiramente irei apresentar os resultados relacionados com os fatores que condicionam as birras, seguindo-se as estratégias para ultrapassar as birras e por fim, a articulação entre família e escola/jardim-de-infância.

Juntamente com os principais dados recolhidos, realizo um cruzamento dos mesmos, estabelecendo uma comparação entre as opiniões das docentes entrevistadas.

Tanto as educadoras como as docentes do primeiro ciclo que entrevistei partilharam as suas experiências pessoais relacionadas com esta temática.

Devido à grande quantidade de unidades de registo em cada subcategoria, irei colocar apenas as que foram mencionadas por um maior número de entrevistados, estando as restantes na tabela em anexo (anexo 3).

### a) Fatores condicionantes das birras

A categoria “Fatores condicionantes das birras” apresenta seis subcategorias, sendo estas a reação face à contrariedade, onde a criança não aceita a palavra “não” como resposta; o egocentrismo, onde a criança ainda está muito centrada nela própria e não consegue pensar no “outro”; a família, onde a criança aprende as regras; a escola, onde passam a maior parte do seu dia; fisiológicas, como a fome, o sono e por último, pessoais.

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Número de unidades de registo	Número de sujeitos
Fatores condicionantes das birras	Reação face à contrariedade	“Não sabem ouvir a palavra não.”	5	2
		“Resultado de um travão à nossa vontade.”	5	4
	Egocentrismo	“Têm muita tendência a olharem apenas para si próprio.”	2	2
	Família	“Um ambiente em casa que não seja favorável ao seu desenvolvimento.”	4	3
		“Em casa não têm as regras que deveriam ter.”	1	1

	Escolares	“Já tive relatos de birras em relação aos trabalhos de casa”	2	2
	Fisiológicas	“Quando são mais pequeninos... mau estar fisiológico... o sono, a fome.”	2	2
		“Estar muito cansado.”	5	2
	Pessoais	“Sentimento de posse.”	1	1
		“É normal acontecerem.”	1	2

Tabela 5 - Apresentação dos dados sobre Fatores Condicionantes das Birras

Segundo quatro docentes, as crianças não gostam quando põem um impedimento às suas vontades, bem como segundo duas docentes, isto acontece devido ao facto de não estarem habituados a serem contrariados e ao seu egocentrismo, como mencionaram nas suas respostas “as birras são por serem um bocadinho egoístas e egocêntricos.”, “têm tendência a olhar apenas para si próprio...”, “fazem birra quando não lhes fazem as vontades e quando eles são contrariados...”.

Além disso, uma das educadoras refere ainda que as birras podem ser uma estratégia utilizada pelas crianças para alcançarem a atenção do adulto, referindo que se deve à “falta de atenção que “belisca” o ego da criança”. Posto isto, algumas birras surgem principalmente para chamar a atenção do adulto, sendo que esta característica faz parte do seu desenvolvimento normal, como refere Valente (2014) e Cordeiro (2011).

No entanto, Cordeiro (2011) aponta para este aspeto da birra, acrescentando que é importante referir que não se deve ceder às exigências das crianças, para lhes fazer ver que fazer birra, não é forma de a criança conseguir o que quer.

Por vezes, durante as situações de birra, sucede agressividade física. Todas as docentes referiram que já tinham vivenciado situações destas. Como refere Brazelton e Sparrow (2003), esta situação acontece devido aos medos, à afirmação da personalidade, à intolerância à frustração por parte das crianças.

Através dos dados recolhidos, a perspetiva de duas das educadoras quando mencionam que as birras “costumam acontecer e é normal acontecerem” parece, então, ir ao encontro com o que Ford (2011) afirma, quando menciona que a birra faz parte do desenvolvimento normal do ser humano.

Além disso, três docentes referem ainda que “um ambiente em casa que não seja favorável ao seu desenvolvimento” e que “em casa não têm as regras que deveriam ter, ” o que vai inevitavelmente complicar as situações de birra.

Duas das educadoras/professoras referem ainda que as birras podem ter alguns motivos fisiológicos por detrás, como o “estar muito cansado”, “mau estar físico, doença, sono...”, a fome, entre outros. Segundo Ford (2011), tanto os hábitos alimentares como as horas de sono estão relacionadas com a frequência com que as birras podem suceder durante o dia. Estas podem suceder na hora da sesta, na hora das refeições, na sua relação com os outros, já que estes momentos estão relacionados com as horas em que a criança está mais cansada.

Os resultados obtidos a partir das entrevistas às docentes, parecem evidenciar que acreditavam que os sentimentos por detrás de uma birra são, muitas vezes, a injustiça, a frustração, a raiva e a tristeza, como mencionaram nas entrevistas, “...não ouvem muito a palavra não e depois frustram...”, “...birras que choram e contestam, de forma muitas vezes já quase violenta...”, “porque acham que o colega foi favorecido em relação a eles...”. Assim, as ideias das docentes parecem relacionar-se com Ford (2011) e Cordeiro (2011), já que estes associam às birras este tipo de sentimentos.

Através da análise efetuada às entrevistas, apenas uma docente evidenciou que a birra surgiu “quando lhes dizem que têm que fazer determinados trabalhos e não querem...”, posto isto, as birras podem advir da falta de vontade em querer trabalhar na escola, ou seja, a birra pode surgir porque a criança não tinha vontade de fazer algo que era mandado fazer.

Segundo uma das docentes, as crianças têm dificuldade em partilhar os materiais e brinquedos com as outras chegando a fazer birras, tendo assim um sentimento de posse, seja por objetos como também por pessoas.

Em síntese, podemos inferir dos resultados obtidos que os fatores condicionantes da birra se relacionam com a necessidade de oposição da criança a algo, o egocentrismo pois só conseguem pensar neles próprios, não conseguindo ver o ponto de vista do outro, a família, escolares, pessoais e fisiológicos. No entanto, as birras também fazem parte do desenvolvimento da criança, não representando qualquer problema comportamental.

### ***b) Estratégias para ultrapassar a birra***

A categoria “Estratégias para ultrapassar a birra” apresenta quatro subcategorias, sendo estas o autocontrolo da criança, onde se pretende que a criança consiga controlar/dominar sozinho os seus próprios sentimentos e comportamentos, as estratégias

situadas na família, onde se espera que a criança possua regras e que estas sejam impostas principalmente em casa; a análise/conversaçoão com a criança e o autocontrole, onde se tenta acalmar a criança fazendo-a pensar no que está a fazer e o autocontrole, onde se tenta fazer exercícios de relaxamento de forma a acalmar a criança.

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Número de unidades de registo	Número de sujeitos
Estratégias para ultrapassar a birra	Autocontrole da criança	“Aprender a dominar e a controlar alguns comportamentos, algumas emoções.”	2	2
	Estratégias situadas na família	“Passa muito pela educação base.”	3	2
	Análise/Conversaçoão com a criança	“Tentar falar com eles... e perceber o que é que se passou.”	12	6
		“Levar a própria criança a pensar no que está a fazer... e as consequências que podem ter.”	3	3
	Autocontrole	“Tentar que a criança acalme.”	5	4
		“Fazer exercício de relaxamento.”	1	1
“Colocar uma música calma.”		1	1	

Tabela 6 - Apresentação dos dados sobre Estratégias para ultrapassar a birra

Quatro das docentes, parecem evidenciar que em situação de birra, é fundamental fazer com que a criança se acalme. Para isso, “retiro-a do grupo ou ponho-a de lado...”. Esta estratégia também é partilhada por Cordeiro (2011) quando afirma que, quando uma criança está a fazer birra, esta deve ser levada para um local isolado, uma vez que isto permitirá que a criança se acalme, proporcionar uma pausa para refletir sobre o ocorrido.

Depois da criança se encontrar mais calma, segundo a grande maioria das docentes, nomeadamente seis docentes, devemos “tentar falar com eles (...) e perceber o que é que se passou”, ou seja, deve-se conversar com a criança em questão, percebendo a razão que a levou a agir daquela forma e explicando-lhe o porquê de não dever fazer birra. Também esta estratégia vai ao encontro das ideias de Cordeiro (2011), quando diz que primeiro deve-se ouvir as razões da criança para aquela situação de birra e só depois explicar-lhe o porquê do seu comportamento estar a ser errado.

Três das docentes, fazem referência à estratégia da consequência, em que primeiro deve se falar com a criança sobre o motivo da birra e só depois sobre as consequências que podem advir dele, como refere um dos sujeitos ao afirmar que se deve “levar a própria criança a pensar no que está a fazer (...) e as consequências que podem ter” Esta ideia vai ao encontro das ideias de Ford (2011), já que esta defende que deve-se falar primeiro com a criança e só depois proceder aos castigos.

No entanto, um dos sujeitos mencionou que não estava de acordo com a forma como os pais castigam os filhos, tirando bens relevantes às crianças para estes poderem brincar, libertar energia, tais como a bicicleta, entre outros. Posto isto, há pais que vão para a pedagogia de tirar tudo o que a criança gosta, no entanto, este sujeito refere que é “...apologista não da parte de retirar porque a criança precisa de correr, a criança precisa de brincar, a criança precisa de ser criança. Mas tem de perceber que para se ser criança não há só direitos, também há deveres.”, também há regras.

Nomeadamente, Ford (2011) afirma que as birras podem aparecer quando não se estabelece limites às crianças. Com isto, pretende-se dizer que as crianças devem ter regras desde pequenas.

Apenas uma docente mencionou alguns métodos de autocontrolo como forma de acalmar a criança, sendo estes “ajudar a criança a respirar, massajando a criança no peito, fazer exercícios de relaxamento como fechar os olhos, colocar uma música calma...” uma vez que com estas estratégias, conseguiremos acalmar a criança.

Através da análise das entrevistas, apenas duas docentes afirmam que “...a estratégia passa mesmo por casa. Pela base da educação que às vezes não está lá...”, pois “...em casa não têm as regras que deviam ter...” e como “as regras não são exigidas em casa e são exigidas (...) vêm as birras muitas vezes.” Esta ideia parece ir ao encontro daquilo que é defendido por Ford (2011) quando esta afirma que pode ocorrer uma birra, quando não se estabelecem limites com as crianças.

Relativamente às situações de birra que se tornam agressivas, todas as docentes referem que fazem o mesmo procedimento que as birras ditas “normais”, ou seja, primeiro tentam sempre que a criança acalme e só depois tentam conversar com eles. No entanto, estas referem que têm de mostrar que quem manda são os adultos, tentando de seguida que eles acalmem. Segundo Cordeiro (2011), os comportamentos agressivos não devem ser ignorados, pois uma criança que o apresenta durante uma birra, está em sofrimento e em risco de se magoar a ela e aos outros.

Segundo Cordeiro (2011), devemos estimular o desenvolvendo das técnicas de autocontrolo nas crianças como respirar fundo ou contar até 20. Duas das docentes parecem ir ao encontro com o que este autor afirma, referindo nas suas entrevistas que devemos “...tentar ensinar as crianças a gerir a raiva interior...” para aprenderem “... a dominar alguns comportamentos, algumas emoções...”.

Dos resultados obtidos e apresentados parece evidente que, como educadores/professores, quando uma birra está a decorrer devemos primeiro acalmar a criança e só depois tentar perceber o que se está a passar. Devemos ainda tentar que a criança reflita sobre o que está a acontecer e as consequências que podem advir desse comportamento. No entanto para prevenir uma situação de birra deve-se criar um clima de calma, serenidade, harmonia e definir regras com as crianças, para evitar conflitos no futuro.

### **c) Articulação entre família e escola/jardim-de-infância**

A categoria “Articulação entre família e escola/jardim-de-infância” não apresenta subcategorias. Nesta categoria pretendesse averiguar a partilha de experiências relativas às situações de birras entre os encarregados de educação e a professora/educadora.

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Número de unidades de registo	Número de sujeitos
Articulação entre família e escola/jardim-de-infância	_____	“Nós tentamos sempre... aconselhar.”	2	2
		“Essencial haver um envolvimento parental.”	2	2

*Tabela 7 - Apresentação dos dados sobre Articulação entre família e escola/jardim de infância*

Os resultados obtidos a partir das entrevistas às educadoras e às professoras no que se refere à categoria de análise da articulação entre família e escola/jardim-de-infância parece evidenciar que duas das docentes afirmam que tentam sempre que possível aconselhar as famílias sobre as diversas estratégias que utilizam e como tal, que as famílias podem utilizar quando a criança está a fazer birra. Nomeadamente uma das educadoras refere que os pais lhe perguntam muitas vezes “o que é que eu hei de fazer, que ele faz-me muitas birras.”, ao que esta tenta aconselhar partilhando algumas estratégias uteis para a família.

Também referem que alguns encarregados de educação lhes mencionam que falam com os filhos para tentar perceber as situações que sucedem na escola, dizendo também

“que é uma coisa que eu faço (...), primeiro o diálogo, primeiro tentar perceber o que se passou e então depois vemos que consequências é que poderá ter”.

No entanto, um dos sujeitos referiu na sua entrevista que os encarregados de educação não mencionam o facto de usarem as suas estratégias em casa como forma de ultrapassar a birra da criança, não sabendo assim se estas são utilizadas pela família.

Também duas das docentes afirmam que é importante haver um envolvimento parental na vida escolar das crianças para que estas tenham um desenvolvimento mais rico, pois através do “...trabalho de parceria, conseguimos que a criança mude o seu comportamento.”, referindo ainda que “só uma relação de parceria pode resolver as angústias, as birras ou qualquer outro problema que exista com uma criança.”. Posto isto, o trabalho entre a família e as docentes é importante para o desenvolvimento da criança, bem como para o seu bem-estar.

Em suma, dos resultados obtidos e apresentados podemos inferir, que, existe um trabalho de parceria entre alguns pais e algumas professoras/educadoras, no entanto, não é algo que acontece com muita frequência. Segundo as docentes, alguns pais mencionam que recorrem a algumas das suas estratégias para contornar as birras da criança, mas a grande maioria dos pais, as docentes não sabem se recorrem ou não às suas estratégias.

## *Reflexão Final*

Com a elaboração deste estudo, e apoiando-me na revisão de literatura efetuada e nos resultados obtidos, foi possível perceber que as educadoras de infância e as professoras podem utilizar imensas estratégias para gerir/ultrapassar uma situação de birra.

Para sustentar os resultados obtidos, todas as formas de recolha de dados demonstraram ser essenciais para conseguir compreender esta temática tão complexa. As várias entrevistas permitiram perceber as diferentes estratégias utilizadas pelas educadoras de infância/professoras, sendo estas acalmar a criança, passando depois para o diálogo/debate e finalmente as consequências que poderão advir da situação de birra que decorreu.

Nos resultados obtidos ao longo da investigação, foi possível a visualização de três estratégias diferentes utilizadas pelas educadoras de infância/professoras, nomeadamente o diálogo com a criança que está a fazer birra para tentar perceber a razão, a atribuição de consequências à atitude adotada pela mesma e a reflexão sobre as suas atitudes. É importante referir que determinada estratégia pode não resultar com umas crianças e resultar com outras, sendo assim devemos conhecer bem a criança para se conseguir perceber qual destas estratégias será a mais indicada para ela.

Apesar de ter sido difícil conduzir esta investigação, devido à falta de tempo no decorrer do mestrado e à dificuldade que tive em conciliar a disponibilidade de todas as pessoas envolvidas, considero que consegui dar resposta às minhas questões iniciais e tirar algumas conclusões importantes.

De forma a enriquecer a investigação realizada, penso que teria sido interessante fazer também entrevistas às crianças, para tentar compreender como é que elas percecionam as suas birras, o que talvez me possibilitaria conhecer melhor as causas das mesmas.

## Conclusão

A realização deste relatório final marca a conclusão do percurso formativo desenvolvido ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, tornando-se uma etapa essencial para o meu percurso como mestranda, uma vez que contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, já que, através dele, proporcionou-me inúmeras vivências, experiências e conhecimentos, fundamentais para a minha futura vida profissional, desenvolvendo competências de investigação e de reflexão sobre a minha prática.

Começando pela dimensão reflexiva, consegui refletir sobre o que vivenciei ao longo das minhas práticas, bem como as aprendizagens realizadas. Permitindo-me assim pensar melhor sobre o meu papel enquanto educadora de infância e professora do 1.ºCiclo, bem como as formas várias formas de aprendizagens das crianças.

A área curricular de prática de ensino supervisionada, nas valências do Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, permitiu-me experienciar a realidade educativa em cada um dos contextos educativos que tive oportunidade de vivenciar, observando, pedindo ajuda e possíveis conselhos das profissionais desta área, as Educadoras e Professora. Sendo assim, todos os contextos onde tive a oportunidade de estagiar, proporcionaram-me diversas aprendizagens, essenciais para o meu percurso de aprendizagem, onde aprendi a lidar com as situações do dia a dia, onde fui melhorando a minha confiança acreditando sempre nas minhas capacidades.

A dimensão investigativa elaborada permitiu-me entender que as investigações, permitem que os profissionais aperfeiçoem as suas práticas, tendo como foco as aprendizagens das crianças, sendo assim destaco a importância de o educador/professor ser investigador.

A realização desta fase do relatório permitiu-me também, o desenvolvimento de novos conhecimentos, principalmente no que diz respeito à temática das birras das crianças. Este estudo foi de extrema relevância, uma vez que me permitiu perceber a sua origem, algumas das suas causas e algumas estratégias que podem ser utilizadas nessas situações, tendo como ponto de vista as docentes.

Assim sendo, considero que a realização destas duas fases do relatório, tornaram-se fundamentais na minha formação, porque permitiu o desenvolvimento destas duas competências que considero que devem estar sempre presentes num percurso de um professor/educador. Através das diversas visões distintas, mas complementares,

nomeadamente, as das três educadoras de infância e a das três professoras, considero que a elaboração deste estudo permitiu uma visão mais completa sobre a temática das birras.

Em relação às dúvidas, sendo estas a questão das birras pois não sabia como lidar com elas durante os estágios realizados, às inseguranças, nomeadamente o facto de da gestão do tempo, bem como da gestão do grupo pois bastava uma criança mostrar um mau comportamento para comprometer o comportamento de toda a turma, tornando assim a gestão do tempo das atividades mais complicado, às aprendizagens vividas ao longo destes estágios. Estas prendem-se com o facto de ter aprendido a gerir o grupo tendo sempre atenção aos alunos que se portam mal para não perturbarem a turma e de certa forma o tempo dedicado às atividades.

Todos estes aspetos referidos anteriormente oram uma experiência enriquecedora para a minha formação enquanto educadora de infância e professora de 1º ciclo, como a nível pessoal. Foi na prática que contactamos com aspetos onde nos sentíamos com mais dificuldades, mais precisamente a gestão do tempo e a gestão da turma e foi com a prática ao longo dos estágios que os conseguimos ultrapassar e verificar qual a melhor forma de os resolver.

De um modo geral, senti que este trabalho foi bastante enriquecedor para a minha prática futura, visto que passei por várias experiências em estágios e tive a oportunidade de recolher diversas informações e conselhos de vários docentes.

## Referências Bibliográficas

Adaptado de Amado, J. (Coord.). (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (p. 216). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Azevedo, R. (2011). *Projetos Educativos: Elaboração, Monitorização e avaliação*. Guião de Apoio. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70;

Bell, J. (1997). *Como Realizar Um Projeto De Investigação*. Lisboa: Gradiva.

B. Helena, M. José, R. Maria, M. Violante; maio 2015; *Programas e Metas Curriculares do Português do Ensino Básico*; Lisboa: Ministério da Educação e Ciência: Direção Geral da Educação.

Bivar, A., Grosso, C., Oliveira, F., & Timóteo, M. C. (2012). *Metas Curriculares do Ensino Básico – Matemática*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência: Direção Geral da Educação.

Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Brazelton, T. B., & Sparrow, J. D. (2003). *A criança dos 3 aos 6 anos – o desenvolvimento emocional e do comportamento*. Barcarena: Editorial Presença;

Brazelton, T. B., & Sparrow, J. D. (2004). *A Criança e a disciplina - o método Brazelton*. Barcarena: Editorial Presença.

Carvalho, C., Boléo, M., Nunes, T., & Lisboa, B. d. (2006). *Cooperação Família-Escola*. Lisboa: ACIME

Cordeiro, M. (2011). *O grande livro dos medos e das birras*. Lisboa: Esfera de Livros;

Cordeiro, M. (2012). *O livro da criança do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

- Ford, G. (2011). *O fim das birras*. Lisboa: Bertrand Editora;
- Gomes, M. (2014). *Os modelos pedagógicos High/Scope e do Movimento da Escola Moderna*. Porto: EdiçõesEcopy.
- Ministério da Educação. (Sem data). *Organização Curricular e Programas Estudo do Meio - 1º Ciclo do Ensino Básico*.
- Phillips, A. (2009). *Um bom pai diz não – como dizer não aos filhos desde a infância à adolescência*. Alfragide: Lua de papel.
- Piaget, J, Inhelder, B. (1997). *A Psicologia da criança*. Edições Asa
- Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática*. In GTI (Org), *Refletir e investigar sobre a prática profissional*, 5-28. Lisboa: APM.
- Silva, I. L. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação.
- Solter, A. (2006). *Lágrimas e Birras – o que fazer quando as crianças choram*. Sintra: Edições Cetop.
- Sousa, A. (2009). *Investigação em educação*. Horizonte.
- Sousa, M., & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo bolonha*. Lousã: Pactor
- Valente, C. (2014). *Coaching para pais – estratégias e ferramentas práticas para educar os nossos filhos*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Value. K (2013) *O que é o Highscope*. Lisboa. Retirado em: <http://www.highscope-portugal.org/pt-pt/>.

# Anexos

## Anexo 1: Guião da entrevista

Bloco	Objetivos	Questões Orientadoras / Perguntas de recurso e aferição
<b>0.</b> Legitimação da entrevista	<p><u>Contextualização da situação</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Solicitar a colaboração;</li><li>- Identificar o tema de estudo e enumerar os objetivos.</li></ul> <p><u>Criar um ambiente propício à entrevista</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Solicitar autorização para a utilização do gravador;</li><li>- Garantir a confidencialidade.</li></ul>	<p>Agradeço, desde já, a sua disponibilidade em realizar a entrevista. Esta tem como objetivo, caracterizar as conceções das educadoras e professoras sobre as birras, bem como descobrir estratégias pedagógicas que possam ser utilizadas para ajudar a criança a ultrapassar uma situação de birra e por último, averiguar a existência de comunicação entre as educadoras/professoras e as famílias relativamente a este tema.</p> <p>Devo salientar, se não houver nenhum inconveniente da sua parte, para o facto de a entrevista ser gravada; no entanto, todos os dados recolhidos serão usados exclusivamente para fins académicos.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Posso gravar a entrevista?</li></ul>
<b>1.</b> Conceções sobre as birras das crianças	<ul style="list-style-type: none"><li>- Caracterizar as conceções das educadoras/professoras sobre as birras nas crianças;</li></ul>	<p>O primeiro bloco da entrevista é focado no que as educadoras/professoras pensam sobre situações de birra.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Com crianças com estas idades, considera as birras uma manifestação frequente? Normal?</li><li>▪ O que é para si, uma birra?</li><li>▪ Quais são, para si, as principais causas para a ocorrência de uma birra?</li></ul>
<b>2.</b> Estratégias pedagógicas	<ul style="list-style-type: none"><li>- Identificar estratégias educativas, utilizadas pelas educadoras/professoras, que possam ajudar a criança a gerir/ultrapassar uma situação de birra;</li></ul>	<p>O segundo bloco de perguntas está relacionado com identificação das estratégias educativas que possam ajudar a prevenir uma situação de birra. Em casos em que as birras estejam a decorrer, tentar identificar estratégias para as ultrapassar.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Existem algumas crianças que têm comportamentos agressivos durante uma birra. Já presenciou ou vivenciou uma situação destas? O que fez para a resolver? Qual considera ser a melhor forma de atuação nestes casos? Porque acha que isto sucede?</li><li>▪ Na sua opinião, existem estratégias que possam prevenir a ocorrência de algumas birras? Quais?"</li><li>▪ Que estratégias se podem utilizar para contornar uma situação de birra quando esta está a decorrer? Tem alguma experiência que tenha vivido e que queira partilhar?</li><li>▪ Considera que, nestas idades, existem circunstâncias mais propensas à ocorrência de birras?</li><li>▪ Que fatores podem estar associados à manifestação das birras? Pessoais? Familiares? Escolares?</li></ul>
<b>3.</b>		

Bloco	Objetivos	Questões Orientadoras / Perguntas de recurso e aferição
Comunicação entre as famílias e a educadora	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Averiguar a existência de comunicação entre a educadora/professora e as famílias, no que concerne às birras das crianças;</li> <li>- Caracterizar a comunicação estabelecida entre a família e a educadora/professora, no que toca à troca de informações/estratégias relativas às birras da criança.</li> </ul>	<p>Para terminar, o terceiro bloco de perguntas tem como objetivo conhecer através da comunicação entre a família e a educadora/professora, as possíveis estratégias que se utilizam em casa ou possíveis razões da existência das birras na escola/ jardim-de-infância.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Acha que as vivências em casa influenciam a manifestação das birras das crianças no jardim-de-infância/escola? Porquê?</li> <li>▪ É habitual os pais partilharem consigo as birras que ocorrem fora do jardim-de infância/escola?</li> <li>▪ Havendo essa partilha, é habitual partilharem estratégias para lidar com essas birras?</li> <li>▪ Através de conversas com os pais, sabe se recorrem a estratégias utilizadas por si para controlar a birra dos seus filhos em casa?</li> </ul>

## *Anexo 2: Transcrição das entrevistas das educadoras de infância*

### Transcrição entrevista 1

**Pergunta:** Com crianças com estas idades considera as birras uma manifestação frequente/normal?

**Resposta:** Idade de 4 anos, aquela com que eu estou a trabalhar, não acho. Pronto. E eles não têm tido birras. Nada assim com frequência.

**Pergunta:** O que é para si uma birra?

**Resposta:** É uma manifestação. Para mim, a birra é uma manifestação de uma personalidade da criança que ainda não está definida. Eu não sei se estou a ser correta naquilo que eu estou a dizer, mas para mim é isso, ela quiere-se afirmar e então faz a birra.

**Pergunta:** Quais são para si as principais causas para a ocorrência de uma birra?

**Resposta:** Quando eles são pequeninos, penso que seja mais a nível fisiológico. Pronto, o mau estar fisiológico provoca birras nas crianças. Talvez por exemplo, o sono, a fome, pronto, mais essa parte. Quando eles são mais crescidinhos (pausa) é muitas vezes (aa) sei lá, o facto de sentimento de posse. Muitas vezes eu acho que isso acontece nas crianças e depois eles acham que são o centro do mundo (risos) e então as vontades têm de ser feitas. Pronto, a tal afirmação da personalidade, das suas características.

**Pergunta:** *Existem algumas crianças que têm comportamentos agressivos durante uma birra. Já presenciou ou vivenciou uma situação destas? O que fez para a resolver? Qual considera ser a melhor forma de atuação nestes casos? Porque acha que isto sucede?*

**Resposta:** Sim, já vivenciei. Já presenciei, noutros grupos. Neste não, por acaso não. Mas noutros grupos já presenciei. O que eu faço é retiro, falar com ele e sentá-lo um bocadinho ao pé de mim. Pronto, não sei se é a melhor estratégia, mas é aquilo que eu acho.

**Pergunta:** *Na sua opinião, existem estratégias que possam prevenir a ocorrência de algumas birras? Quais?*

**Resposta:** Sim, pode acontecer que se a criança eventualmente (aa) está doente, por exemplo e está mais sensível a certas coisas eu posso se calhar retirá-la dessas situações

que a fazem ficar ainda mais custosa. Pronto, se eu já sei anteriormente que ela está doente. Pronto, isto é um exemplo. Hum e outras coisas também podem acontecer, por exemplo se eu sei que ela não gosta de alguma coisa, que realmente não gosta de ir para a área das bonecas, por exemplo. (aa) não a ponho na área das bonecas para provocar-lhe a birra. Não é? Vou fazendo isso gradualmente até que um dia ela vá lá sem fazer birra. Isto é um exemplo.

**Pergunta:** *Que estratégias se podem utilizar para contornar uma situação de birra quando esta está a decorrer? Tem alguma experiência que tenha vivido e que queira partilhar? Considera que, nestas idades, existem circunstâncias mais propensas à ocorrência de birras?*

**Resposta:** Tenho tantas. (risos) muitas, muitas. É assim, a estratégia que eu utilizo é aquela que já disse anteriormente, geralmente falo com a criança, se ela não me ouve, retiro-a do grupo ou ponho-a de lado e sento-a ali ao pé de mim. Quando a coisa é muito forte, às vezes até tento abraçá-la para que ela ou então fica indiferente, continuamos a brincadeira e faz de conta que não a ouvimos. Muito difícil essa estratégia porque está sempre ali um barulho constante, mas é não ligar. Não ligar e passa.

**Pergunta:** *Que fatores podem estar associados à manifestação das birras? Pessoais? Familiares? Escolares?*

**Resposta:** Muitas vezes é pessoais ou familiares. Às vezes a escola também. Também pode acontecer. Mas às vezes, normalmente, é provocada por mau estar físico, (aa) doença, sono e às vezes também chamadas de atenção, não é? Porque os pais às vezes têm pouco tempo para estar com eles e depois eles querem ficar com os pais e fazem birras.

**Pergunta:** *Acha que as vivências em casa influenciam a manifestação das birras das crianças no jardim-de-infância/escola? Porquê?*

**Resposta:** Com certeza, tudo começa em casa. Eu acho que é assim, se em casa estiver um momento tranquilo, mesmo que haja birras, a coisa supera-se muito mais facilmente. Pronto, também tem a haver com o feitio e maneira de ser de cada criança mas em casa se houver um ambiente mais tranquilo, mais estável, a coisa é muito mais fácil de se resolver. Mesmo que existam birras nesses ambientes também. (risos)

**Pergunta:** *É habitual os pais partilharem consigo as birras que ocorrem fora do jardim-de-infância/escola?*

**Resposta:** Com certeza. Sim. Sim. Nós fazemos muito aquele diálogo de manhã entre os pais e entre a escola, entre os pais e a educadora fazemos: “olha ele fez-me uma birra de manhã.”, isso acontece com frequência, “oh Julieta esteja mais atenta”. Pronto, mais ou menos esse gênero.

**Pergunta:** *Havendo essa partilha, é habitual partilharem estratégias para lidar com essas birras?*

**Resposta:** sim, sim. Muitas vezes os pais perguntam o que é que eu hei de fazer, que ele faz-me muitas birras. Muitas vezes aqui até nem faz tantas como em casa e nós partilhamos algumas estratégias. Às vezes até lhes posso dar dicas, mas claro que em casa é sempre diferente de na escola. Mas dou-lhes “olha não ligue muito”, “mantenha a calma”. Muitas vezes é chamadas de atenção, em alturas que possa estar presente, esteja mesmo presente com eles. Pronto, mais ou menos assim que partilhamos.

**Pergunta:** *Através de conversas com os pais, sabe se recorrem a estratégias utilizadas por si para controlar a birra dos seus filhos em casa?*

**Resposta:** Às vezes, sim, sim, às vezes acontece. Acredito que sim, que eles, “olha ontem fiz o que a Julieta estava a dizer. Olhe correu bem.” Mas pode não correr. Pronto, isto é sempre muito imprevisível. (risos) Cada criança é uma criança e são diferentes

Transcrição entrevista 2

**Pergunta:** *Com crianças com estas idades considera as birras uma manifestação frequente/normal?*

**Resposta:** *Depende da criança e costumam acontecer e é normal acontecerem.*

**Pergunta:** *O que é para si uma birra?*

**Resposta:** *É uma manifestação a uma contrariedade, que não conseguem responder (pausa) socialmente, naquele momento.*

**Pergunta:** *Quais são para si as principais causas para a ocorrência de uma birra?*

**Resposta:** *Quando a criança é contrariada e não saber ouvir o não.*

**Pergunta:** *Existem algumas crianças que têm comportamentos agressivos durante uma birra. Já presenciou ou vivenciou uma situação destas? O que fez para a resolver? Qual considera ser a melhor forma de atuação nestes casos? Porque acha que isto sucede?*

**Resposta:** Já apanhei birras. Tentamos acalmar a criança e falar com a criança. Quais são os comportamentos? (pausa) Desde pontapés, agredirem os amigos, tantarem agredir o adulto, atirarem coisas ao ar, objetos, o que apanhem, sem terem consciência. Não é consciência, sem terem (pausa), não estão a pensar que estão a agarrar naquilo e que vão atirar. Atiram a primeira coisa que apanhar, é o que atiram.

**Pergunta:** *Na sua opinião, existem estratégias que possam prevenir a ocorrência de algumas birras? Quais?*

**Resposta:** é assim, nós não sabemos quando a birra vai acontecer, não é? O que nós podemos fazer é tentar acalmar a criança e ir conversando com ela, sabemos que há uma ou outra dentro do grupo que quando é contrariada, já estamos à espera que se manifeste. Mas agora tu sabes que vai acontecer naquele momento, não sabes. Passa sempre tudo muito pelo diálogo e depende sempre muito do contexto em que tu estás.

**Pergunta:** *Que estratégias se podem utilizar para contornar uma situação de birra quando esta está a decorrer? Tem alguma experiência que tenha vivido e que queira partilhar?*

**Resposta:** As estratégias é tentar acalmar, dizer parar, mostrar que ele está mal, tem de parar aquele ato. E tentar depois falar com ele e fazer-lhe ver o que ele fez mal. Se magoou alguém, ir pedir desculpa. Saber perceber porque é que aconteceu aquela situação, se foi contrariado, imagina que ele não queria espera a vez, queria ser o primeiro em vez do amigo. Tentamos, isto é um exemplo, explicar que hoje é o amigo o primeiro e no outro dia será ele.

**Pergunta:** *Considera que, nestas idades, existem circunstâncias mais propensas à ocorrência de birras?*

**Resposta:** Nos cinco anos já não há tanta birra. As birras são mais aí aos três.

**Pergunta:** *Que fatores podem estar associados à manifestação das birras? Pessoais? Familiares? Escolares?*

**Resposta:** (pausa) Pessoais. Há crianças que ainda acham que são o centro do universo e que tudo gira em torno delas e não conseguem perceber que nem sempre são o centro do universo e que não são. Familiares, também há famílias que propiciam isso. A criança é tipo um Biblo, que tudo gira em torno dela, depois quando está em sociedade não consegue resolver esse conflito interior porque não é o centro do universo e aí está a frustração e a manifestação da frustração.

**Pergunta:** *Acha que as vivências em casa influenciam a manifestação das birras das crianças no jardim-de-infância/escola? Porquê?*

**Resposta:** Sim, embora às vezes eles até façam birras em casa e não as façam cá. Isso depende do contexto. Se ele é sempre o centro do universo, quando chega a um ponto que já não é o centro do universo, se calhar custa-lhe mais. Quando ele não é contrariado em casa, não ouve o não, quando tudo é permitido.

**Pergunta:** *É habitual os pais partilharem consigo as birras que ocorrem fora do jardim-de-infância/escola?*

**Resposta:** Às vezes partilham.

**Pergunta:** *Havendo essa partilha, é habitual partilharem estratégias para lidar com essas birras?*

**Resposta:** (pausa) Sim, às vezes também me pedem ajuda ou comentam o que é que aconteceu e nós tentamos às vezes gerir um bocadinho, não é? Mas nem sempre acontece.

**Pergunta:** *Através de conversas com os pais, sabe se recorrem a estratégias utilizadas por si para controlar a birra dos seus filhos em casa?*

**Resposta:** Não.

Transcrição entrevista 3

**Pergunta:** *Com crianças com estas idades considera as birras uma manifestação frequente/normal?*

**Resposta:** As birras são frequentes na idade de pré-escolar e também em idade de creche. Considerando também, que são também normais em algumas pessoas até na idade adulta. (risos)

**Pergunta:** O que é para si uma birra?

**Resposta:** A birra é essencialmente uma resistência à frustração, mas também pode surgir em crianças em idade de creche, devido a problemas de saúde por exemplo, eventualmente alguma dor. Nestes casos deverão ser analisados os factos, mas regra geral é uma resistência à frustração. Alguém beliscou o nosso ego e não deixa fazer o que queremos.

**Pergunta:** Quais são para si as principais causas para a ocorrência de uma birra?

**Resposta:** Como referi anteriormente é resultado de um travão à nossa vontade. Querer fazer e não poder, mas também pode ser resultado de um mau estar físico ou até estar muito cansado, com alguma dose de irritabilidade e de stress acumulado.

**Pergunta:** *Existem algumas crianças que têm comportamentos agressivos durante uma birra. Já presenciou ou vivenciou uma situação destas? O que fez para a resolver? Qual considera ser a melhor forma de atuação nestes casos? Porque acha que isto sucede?*

**Resposta:** É uma relação de causa-efeito. Se eu tenho um objeto na mão e estou extremamente frustrado com uma situação, posso eventualmente mandar ao ar ou contra o opressor o objeto. É uma forma de manifestar o seu descontentamento. Em crianças mais velhas há que tentar ensinar a gerir a raiva interior, por exemplo, podemos pedir á criança para se retirar um pouco para um espaço mais isolado e respirar profundo e contar até 10. Nas crianças mais pequenas podemos falar com a criança com um tom calmo, massajar o peito; respirar cm a criança, tentar acalmar. Com bebés fazer uma massagem, colocar uma música muito tranquila.

**Pergunta:** *Na sua opinião, existem estratégias que possam prevenir a ocorrência de algumas birras? Quais?*

**Resposta:** Já respondi na resposta anterior, o adulto deve manter uma atitude calma, sem responder da mesma forma. Falar baixinho, ajudar a criança a respirar, massajar a criança no peito, fazer exercício de relaxamento como fechar os olhos, colocar uma música calma. Tentar

acalmar sempre de uma forma firme, porque se a criança perceber que o adulto vai vacilar, a birra aumenta.

**Pergunta:** *Que estratégias se podem utilizar para contornar uma situação de birra quando esta está a decorrer? Tem alguma experiência que tenha vivido e que queira partilhar?*

**Resposta:** A minha experiência de quase trinta anos já me levou a presenciar diversas birras. Tento sempre manter uma atitude calma, serena e por vezes de negociação com a criança no sentido de inculcar alguma racionalidade, deixando para trás uma atitude meramente emotiva, porque a birra é também uma forma de não conseguir gerir as próprias emoções.

**Pergunta:** *Considera que, nestas idades, existem circunstâncias mais propensas à ocorrência de birras?*

**Resposta:** Existem imensas circunstâncias que podem levar a manifestar uma birra como a falta de atenção que belisca o ego da criança. O sentido de posse relativamente a objetos ou pessoas. Quando estas situações são agudizadas leva inevitavelmente à birra.

**Pergunta:** *Que fatores podem estar associados à manifestação das birras? Pessoais? Familiares? Escolares?*

**Resposta:** Todos os fatores referidos anteriormente podem ser motivo para uma birra. A frustração é na minha opinião a principal razão e pode surgir em todos estes campos.

Eu quero, eu gosto, é meu, é para mim. O ego é muito traiçoeiro e no fim de contas estamos muito centrados em nós próprios, no nosso sofrimento. Isto aplica-se a crianças e adultos. Saber gerir a raiva, aprender a respirar, a serenar independentemente do problema que temos de enfrentar deveria ser ensinado desde pequeno. A própria meditação ajuda a criança e o adulto a lidar com as menos boas da vida.

**Pergunta:** *Acha que as vivências em casa influenciam a manifestação das birras das crianças no jardim-de-infância/escola? Porquê?*

**Resposta:** o ambiente familiar tem muita influência no comportamento das crianças. O meio influencia o ser humano. Por outro lado, as crianças também passam muito tempo na escola, sem tempo para estar no seu ambiente familiar. Seria benéfico que as crianças passassem mais tempo no seio familiar, pudessem dormir mais, ter com os pais uma vida mais tranquila,

mas em Portugal, ao contrário de muitos outros países europeus, não se investe numa cultura familiar, em que a criança passe mais tempo em casa a descansar e a brincar. Os próprios pais chegam cansados e stressados. As crianças, também elas estão ao serviço do capital o que é lamentável.

**Pergunta:** *É habitual os pais partilharem consigo as birras que ocorrem fora do jardim-de infância/escola?*

**Resposta:** Sim, os pais partilham. Normalmente estão desejosos eu os fins de semana e férias terminem para as crianças irem para a escola. Os pais estão cansados, stressados porque em Portugal, como já referi, a qualidade de vida é muito medíocre. As pessoas passam muito tempo nos locais de trabalho, sem tempo para si próprias e para os seus filhos. Elas próprias com acumulação de frustração e muitas vezes sem saber como lidar com as birras, acabando por deixar fazer aquilo que a criança quer. Não têm coragem para frustrar os próprios filhos e assim vamos sem crianças frustradas, não há educação. Para educar é preciso frustrar e penalizar por vezes, porque tudo na vida tem uma consequência.

**Pergunta:** *Havendo essa partilha, é habitual partilharem estratégias para lidar com essas birras?*

**Resposta:** Sim, eu tento dizer aos pais que as crianças têm de ser frustradas, com calma e com firmeza. Ensinando á criança truques como a respiração, contar até 10, de forma a aprender a gerir a sua raiva. Reforço junto dos pais para aprenderem a dizer não. O não é uma forma de amor e muito estruturante para termos adultos bem resolvidos e saudáveis psicologicamente.

**Pergunta:** *Através de conversas com os pais, sabe se recorrem a estratégias utilizadas por si para controlar a birra dos seus filhos em casa?*

**Resposta:** Sim, em muitas situações os pais agradecem e em colaboração com a escola (trabalho de parceria) conseguimos que a criança mude o seu comportamento. Uma educadora não pode, nem deve esconder nada de uma criança face aos pais. Só uma relação de parceria pode resolver as angústias, as birras ou qualquer outro problema que exista com uma criança.

### *Anexo 3: Transcrição das entrevistas das Professoras de 1ºciclo*

#### Transcrição entrevista 1

**Pergunta:** Com crianças com estas idades considera as birras uma manifestação frequente/normal?

**Resposta:** Ah sim, ah atendendo aos primeiros anos, portanto estou a falar das crianças do 1º ao 3º ciclo, onde as birras são bastante frequentes.

**Pergunta:** O que é para si uma birra?

**Resposta:** Uma birra é algo um bocadinho difícil de definir no sentido em que seja igual para todos, mas á partida é uma recusa. Uma recusa a algo em que a criança está frustrada com alguma situação e hum o educador ou quem está com ela no momento não conseguiu de alguma forma contornar a situação, mas hum em geral é uma recusa. Mas é uma recusa que permeia muito ou confunde-se muitas das vezes com a falta de educação por vezes. Manifesta-se de uma forma que pode ser agressiva. Mais agressiva ou menos agressiva também dependendo das idades.

**Pergunta:** Quais são para si as principais causas para a ocorrência de uma birra?

**Resposta:** As principais causas. Ah as principais causas eu acho que vou sempre bater nesta tecla, será a recusa, portanto a criança não quer algo, ou seja que não quer por vezes, a crianças não sabe aquilo que quer. Mas as causas em si podem estar relacionadas desde o cansaço, hum o desconforto que a situação vai provocar, hum isto em idades mais jovens porque os mais velhos também mostram um certo desconforto e cansaço, desconforto no sentido em que eles não estão, podem muitas das vezes não estar há vontade com as situações de ensino e isso pode-se manifestar pela recusa porque como não se sentem confortáveis, ah muitas das vezes reagem dizendo que não são capazes, que não sabem. Uma das respostas que me dão muitas das vezes é dizerem eu não sei nada disto e dizem logo nada. Portanto, muitas das vezes eu associo esta recusa a isso. Vem do cansaço, hum e por vezes também porque não estão, se calhar muito, como é que hei-de dizer, muito habituados a que tenham que fazer. Por vezes existe um certo facilitismo na sociedade até em geral mesmo em casa, na família e em tudo o que têm à sua disposição e aceder a certas informações e então entendem que não têm que se esforçar tanto. Eu percebo isso e portanto, hoje em dia, mesmo os mais velhos é do género, vou ceder, mesmo pela net e tenho a informação, é só descarregar. Então porque é que eu tenho que me esforçar, tenho que fazer

mais. Portanto há uma recusa. As birras vão-se manifestando de formas diferentes, de acordo com as idades.

**Pergunta:** *Existem algumas crianças que têm comportamentos agressivos durante uma birra. Já presenciou ou vivenciou uma situação destas? O que fez para a resolver? Qual considera ser a melhor forma de atuação nestes casos? Porque acha que isto sucede?*

**Resposta:** Já. Penso que em princípio, de todas as situações que eu vivenciei levam a que, tenho que deixar esfriar a situação. A criança tem que acalmar, tentar perceber o que é que aconteceu, a origem. É lógico que se uma criança, um jovem, está exaltado, está fora do seu comportamento normal, não será muito adequado forçá-lo. Por vezes, no entanto, é preciso alguém dar um basta, digamos. Colocar a ordem, por vezes a criança, o jovem também precisa de ser norteado, não é? Por vezes isso ajuda. São muitas as causas que podem estar na origem. De caso para caso, a agressividade, pode ter razões desde distúrbios na própria família, distúrbios sociais, como fatores da própria saúde da criança. São muitas as situações que se verificam nas escolas e as razões são muitas e muito variadas.

**Pergunta:** *Na sua opinião, existem estratégias que possam prevenir a ocorrência de algumas birras? Quais?*

**Resposta:** (pausa) Estratégias sempre se tentam adotar. Penso que a principal delas é tentar inculcar nas crianças e nos jovens com quem lido, digo que tem que haver uma postura de educação, respeito e para se criar uma relação que não tem que ser só de trabalho podendo ser uma relação minimamente agradável, mas dentro desse ambiente de respeito e até de amizade. E fazer passar isso, que não estamos ali para fazer passar um mau momento. Porque não transformar o estudo de ensino em algo agradável, em algo que se torne interessante e bastante apelativo. Isso pode funcionar, digo eu como estratégia. Se o momento não for mau, ele vai querer repeti-lo, digo eu.

**Pergunta:** *Que estratégias se podem utilizar para contornar uma situação de birra quando esta está a decorrer? Tem alguma experiência que tenha vivido e que queira partilhar? Considera que, nestas idades, existem circunstâncias mais propensas à ocorrência de birras? Que fatores podem estar associados à manifestação das birras? Pessoais? Familiares? Escolares?*

**Resposta:** Volto a dizer que tem que por vezes, dependendo da idade, quando são crianças mais novas, hum, eu penso que há basicamente duas saídas. Ou deixar a criança extravasar

e às vezes há essa necessidade. Obviamente não deixando partir tudo nem agredir todos à sua volta, não é? Minimamente controlado. Isto se for possível. Se não for possível, aí terá de se adotar outras estratégias. (Pausa) Os mais jovens verificam-se muito mais as birras. Mais nos primeiros ciclos, sem dúvida, a ocorrência de birra é muito frequente. Eu acho que nos dias que correm, hum, quero crer que não

é mais um cansaço. A criança muitas das vezes é levada tão cedo de casa e tem que passar pelo berçário, infantário e pergunto-me qual é o espaço que ela tem para ser criança, o tempo que tem. Penso que não é mais que um cansaço, a criança não tem tempo para ser criança. Tão simples como isso.

**Pergunta:** *Acha que as vivências em casa influenciam a manifestação das birras das crianças no jardim-de-infância/escola? Porquê?*

**Resposta:** Em casa costuma-se dizer que é o primeiro berço, é de casa que parte tudo. Se em casa a criança não tiver regras, se em casa não tiver um bom ambiente familiar, que é o que vai estruturar essa criança e ela não se sentir apoiada, não é? Não lhes são respeitadas as horas de sono, a alimentação, todas essas coisas são básicas mas que são tão fundamentais para que sejamos pessoas normais, é lógico que não vai correr bem.

**Pergunta:** *É habitual os pais partilharem consigo as birras que ocorrem fora do jardim-de-infância/escola?*

**Resposta:** Sim, não é a toda a hora. Mas sim, sim, muitos pais e cada vez mais eu acho que eles próprios têm muita dificuldade em controlar as tais ditas birras, independentemente das idades que estamos a falar e que até vêm os educadores/professores como uma ajuda extra para contornar porque às vezes não sabem como ultrapassar e lidar com determinadas situações.

**Pergunta:** *Havendo essa partilha, é habitual partilharem estratégias para lidar com essas birras?*

**Resposta:** (pausa) Sim, esse é o nosso dia a dia de lidar com tantos que é inevitável que não se fale disto ou aquilo. É inevitável, isso sucede.

**Pergunta:** *Através de conversas com os pais, sabe se recorrem a estratégias utilizadas por si para controlar a birra dos seus filhos em casa?*

**Resposta:** (ah) Eu acho que nós tentamos sempre, mesmo que não seja esse o nosso papel, muitas das vezes aconselhar. Por vezes verifica-se, mas numa grande parte dos pais, às vezes despõem de tão pouco tempo que às vezes não conseguimos perceber muito bem, se realmente, o estão a colocar em prática. Porque eu acho que se está a passar uma coisa que hoje em dia tem a ver com (pausa) uma certa culpa dos pais por não poderem estar mais tempo com os filhos e então acho que à um premiar, à um dar por vezes exagerado. E depois vão premiar por vezes de forma errada. Tiram más notas, é premiado à mesma. Portanto eu penso que é como se se estivessem sempre a desculpar perante os filhos, mas depois ao mesmo tempo cobram que tiveste isto e tens que tirar este resultado. Eu acho que isto baralha porque (pausa) por um lado eles não estão a perceber porque o que no fundo eles estão a fazer é desculparem-se perante os filhos ou porque de certa forma sentem-se culpados, mesmo não sendo.

#### Transcrição entrevista 2

**Pergunta:** Com crianças com estas idades considera as birras uma manifestação frequente/normal?

**Resposta:** Não! Não é normal haver birras constantemente. Claro que as há e há-de haver sempre, são crianças. Hum mas hum, há limites, para mim.

**Pergunta:** O que é para si uma birra?

**Resposta:** Uma birra pode ser um aluno quando começa aí a chorar e a gritar porque algo não correu a seu favor. Hum, pode ser devido a, ou ter ouvido simplesmente a palavra não e há miúdos que não estão habituados a ouvir hoje em dia a palavra não. Hum, pode ser porque ah sei lá. Eles fazem birras por tudo e por nada. Olhe, ainda agora, o filme que estavam a ver não era o que queriam, portanto amuaram. Começaram, não fizeram uma birra sonora, fizeram uma birra silenciosa. Portanto pode haver muito motivo para uma birra.

**Pergunta:** Quais são para si as principais causas para a ocorrência de uma birra?

**Resposta:** A palavra não que, hoje em dia, eles têm muita dificuldade e não ouvem muito a palavra não e depois quando a ouvem frustram e a partir daí passam para a birra. Hum, o facto de não terem a sua vontade, hum, não conseguirem levar à vante a sua vontade, hum também é-lhes difícil. Hoje em dia, e eu digo hoje em dia porque antigamente não era assim tanto. Há sempre birras, mas eu cada vez mais e se eu olhar para o princípio da minha carreira e se eu olhar para aquilo que acontece neste momento, sim cada vez há mais birras porque

não têm aquilo que querem. Porque não sabem ouvir a palavra não, hum porque acham que o colega foi hum favorecido em relação a eles, hum porque queriam estar com a mãe ou com o pai e não estão. Porque para o lanche veio sandes de queijo e eles queriam sandes de salpicão, já me aconteceu. Hum porque, sei lá, por mil e uma coisas. Eles conseguem arranjar birras por tudo o que não seja a favor da sua pessoa, hum, eles conseguem arranjar uma birra para isso. Há miúdos que quando isso acontece conseguem interiorizar que não pode ser naquela altura ou que não pode ser naquele momento, mas há muitos, e cada vez mais, que frustram perante uma situação que não é favorável a eles e lá vem a birra atrás. Silenciosa ou não, porque depois há aquelas birras que choram e contestam, hum de forma, muitas vezes, já quase violenta e alguns violenta, infelizmente. E depois há aqueles que simplesmente calam-se, amuam, não fazem, não olham, não levam a cabeça, que eu chamo birra silenciosa.

**Pergunta:** *Existem algumas crianças que têm comportamentos agressivos durante uma birra. Já presenciou ou vivenciou uma situação destas? O que fez para a resolver? Qual considera ser a melhor forma de atuação nestes casos? Porque acha que isto sucede?*

**Respostas:** Várias, infelizmente várias vezes. Hum, algumas bastante graves, outras não. Hum, o que eu tento sempre começar por fazer, é acalmar o aluno. É assim, há muita tendência e eu própria às vezes tenho que lutar contra isso, de nós nos irritarmos por ele estar irritado, por ele estar a fazer birra. E às vezes temos de dar um passo atrás e respirar fundo. Nós primeiro e pensar, não vale a pena eu estar a irritar-me mais porque eles ainda se vão irritar mais por eu estar irritada. Portanto, às vezes temos de dar um passinho atrás, respirar fundo e acalma-te tu, acalma-te e depois então ir ter com o aluno e olha acalma-te, vai lavar a cara, dar uma volta. E então depois tentar, a partir daí perceber o que é que se passou, o que é que levou àquele momento, seja de grito, seja de agressividade, seja de silêncio. Hum portanto, tentar perceber ali o que é que se passou ou o aluno primeiro. E depois se houver terceiros envolvidos, ir chamar os terceiros e tentar resolver a coisa.

**Pergunta:** *Na sua opinião, existem estratégias que possam prevenir a ocorrência de algumas birras? Quais?*

**Resposta:** Às vezes é complicado, mas é assim, para mim, passa muito pela educação base, ponto número um. Porque muitas vezes as birras são por eles serem um bocadinho egoístas e egocêntricos. Hum, ou seja, eles veem o eu e estão habituados a ver o eu primeiro e a não olhar para o outro. E aqui nem sequer se põe em causa o serem filhos únicos ou irmãos.

Acontece nas duas situações. Eu já tive situações com miúdos com irmãos e miúdos filhos únicos. Há às vezes aquele estigma de “ah o filho único é sempre mais mimado, mais birrento”, nem sempre isso acontece e é assim para mim a estratégia passa mesmo por casa. Pela base da educação que às vezes não está lá e são miúdos que têm muita tendência a olhar apenas para si próprio e não serem capazes de parar e olhar para o outro. Hum e a maior parte das birras de que eu me lembro, de birras assim mais feias, hum foram muito por aí, do eu queria, eu não fiz, eu não li, eu, eu, eu, eu, é a palavra que eles mais conhecem hoje em dia. E não são capazes de dar um passo atrás e eu sei que são crianças, são ainda novas, mas não são capazes de ouvir o outro, de perceber a situação em si, do que é que se passou aqui. Tu empurraste-me, mas foi de propósito ou foi sem querer? Eles não conseguem fazer esta pergunta. Automaticamente se alguém o empurra é por que está contra ele. E alguns têm quase a mania da perseguição. A mania de que tudo o que acontece em relação é contra eles e é porque era de propósito para ele. Hum e, portanto, eu acho que se houver uma base trabalhada no aspeto de ver o outro para além de si próprio. Hum, era capaz de terminar determinadas atitudes que eles têm, principalmente a nível de recreio, de jogos, eles têm muita dificuldade em numa situação de jogo, lá está, ver a parte do outro, porque eles têm que ficar primeiro, eles têm que vencer, eles têm que ser os primeiros, eles têm que, que, que estar à frente do jogo. E isso depois é o que forma muitas vezes situações de briga e de birra que depois provêm daí.

**Pergunta:** *Que estratégias se podem utilizar para contornar uma situação de birra quando esta está a decorrer? Tem alguma experiência que tenha vivido e que queira partilhar?*

**Resposta:** Já tive várias. Já tive situações em que eu tive de agarrar o aluno pelos braços e encostá-lo a uma parede. Para já porque o aluno era da minha altura, ah quase. E obrigá-lo a ver quem é que tinha à frente dele, obriga-lo no aspeto de verbalmente dizer, tu olha bem para mim e tive que o obrigar a olhar mesmo nos meus olhos e agora vê quem tens à tua frente e só depois de ele perceber quem tinha à frente dele, que ele estava literalmente cego, hum, porque não levou a dele, porque houve alguém que lhe disse alguma coisa e ele achou que aquilo era o fim do mundo e pronto, e daí partiu-se para a violência imediatamente. Hum, nessa altura, esse aluno em específico era um aluno violento e eu tive que, pronto acalmá-lo. Agarrando-o mesmo e fazendo-o ver quem tinha à frente dele e depois então é que ele respirou fundo e depois fui dar uma volta com ele, fomos passear pela escola, sentámo-nos nas escadas a conversar, para eu tentar perceber o que é que o levou a tal atitude, hum porque é que eles dizia que o outro que lhe tinha chamado, não sei se eram nomes ou o que é que eram. Portanto primeiro, tive eu que ser, não foi violenta, mas tive que tentar parar a violência dele e só depois então é que consegui que ele se acalmasse e fui falar com ele. É

uma das estratégias que eu tenho até hoje, é sempre tentar falar com eles, perceber o pinto de vista deles e perceber o que é que se passou, falar com a outra parte envolvida também. Depois juntar os dois, hum e em conjunto tentamos perceber que atitudes foram tomadas corretas e que atitudes foram tomadas erradas e que consequências é que poderá advir daí. Se eles acham que merecem ou não as consequências e que consequências depois é que não de advir daí porque eu acho que se há regras, elas têm de ser minimamente cumpridas.

**Pergunta:** *Considera que, nestas idades, existem circunstâncias mais propensas à ocorrência de birras?*

**Resposta:** Nestas idades? Talvez. Eu já vi meninos tão grandes terem birras tão feias. (risos). Já vi adultos terem birras tão feias que hoje em dia já não sei em que idades é que não há birras porque às vezes vê-se aí birras, eu chamo áquilo birras porque para mim, chega a um ponto depois que é falta de educação, mas começa tudo com uma birra. Às vezes certas quezílias que existem, até às vezes na fila do supermercado eu vejo coisas que fico como é que os meninos não hão de fazer birras se os próprios pais e avós depois têm atitudes destas, birras que fazem destas. Mas sim, há uma idade que tem alguma propensa, o primeiro ciclo para fazer birras. Já não deviam ser tantas como são porque eu acho que há muita birra no 1º ciclo que já não devia existir. Hum, por isso é que eles têm o pré-escolar também, para aprender a dominar e a controlar alguns comportamentos, algumas emoções, mas infelizmente ainda há muitas. Mas há algumas que é normal haver, vá, eles são crianças, não podemos esperar que eles sejam santinhos porque eles são crianças, portanto é normal que façam algumas birras e nós estamos cá para tentar fazer com que eles percebam que a birra se calhar não era necessária, não havia necessidade de uma birra naquele momento.

**Pergunta:** *Que fatores podem estar associados à manifestação das birras? Pessoais? Familiares? Escolares?*

**Resposta:** Todos! Todos porque hum, há birras que são porque em casa alguma coisa correu mal e eles não souberam lidar com isso e depois trazem essa frustração para a escola. Há birras porque o colega o agarrou, pegou no lápis sem autorização e ele fez uma birra porque o colega lhe pegou no lápis sem autorização. Hum, há birras porque eles querem alguma coisa, portanto há birras que para mim todos esses motivos, são motivos para birras. Podem ser um motivo para uma birra.

**Pergunta:** *Acha que as vivências em casa influenciam a manifestação das birras das crianças no jardim-de-infância/escola? Porquê?*

**Resposta:** Sem duvida alguma. Porque hum, um aluno que tenha um ambiente em casa que não seja favorável ao seu desenvolvimento, separações más em que o pai e a mãe não se dão, em que ele às vezes presencia, vivencia determinadas atitudes por parte dos adultos que acabam por ser birras, eles tendem depois a mimar isso, tendem depois a, a, na escola ou em outras situações em fazer exatamente a mesma coisa. Portanto sim, sim é uma grande influência a família na birra.

**Pergunta:** *É habitual os pais partilharem consigo as birras que ocorrem fora do jardim-de-infância/escola?*

**Resposta:** Às vezes, alguns, sim. Já tive relatos de birras em relação, por exemplo, aos trabalhos de casa. Hum, miúdos que fazem autênticas cenas dramáticas em casa porque não querem fazer o trabalho de casa, mas depois são os primeiros a chegar aqui e a dizer fiz o trabalho de casa e não se negam a fazer nada. Comigo não se negam a fazer nada, chegam a casa para fazer o trabalho de casa e aquilo é o fim do mundo porque às vezes há filhos a chorar para um lado, mães a gritar ara outro lado, pais a sair da sala porque já não quer ouvir mais aquilo. Portanto criam-se autênticos ambientes quase de guerra. Já tive mães a dizerem-me que realmente que era uma briga fazer determinados trabalhos de casa. Pronto, nessas situações, trabalhos de casa pelo menos sim. E às vezes quando o aluno tem alguns comportamentos depois hum diferentes na sala de aula e que eu chamo á atenção para isso em casa, também às vezes, às vezes, aí não é tanto, mas às vezes dizem-me “olhe ele em casa também faz isso. Em casa também tem tendência para dizer isto, mas esses já são mais raros de serem divulgados.

**Pergunta:** *Havendo essa partilha, é habitual partilharem estratégias para lidar com essas birras?*

**Resposta:** Muitas vezes, hum quando já estão num ponto e saturação ou que dizem já não sei o que ei-de fazer. Outras vezes vão-me depois a extremos, hum muitas vezes não sei o que é que acontece porque entre aquilo que dizem e aquilo que fazem há uma grande diferença e nós nunca sabemos o que é que é feito realmente e se alguma coisa é tentada e se as consequências vão até ao fim. Muitas vezes é isso que os meninos depois dizem aqui, que é, eles comportam-se mal ou fazem birras, ou seja, lá o que for e nós recordamos aos pais e eles depois dizem-me “ah, mas a minha mãe não me pôs de castigo” ou “ah, mas a

minha mãe comprou-me isto assim”. Aqui se for preciso, à minha frente dizem-me “ah professora ele portou-se mal. Ai vou ter que fazer alguma coisa, vou ter que fazer alguma coisa” mas depois chega-se a casa e não se faz. Portanto, eles saem impunes e o que é que isto diz a eles? Eu posso fazer a birra que eu quiser e aquilo que eu quiser porque chego a casa e sei que saio impune.

**Pergunta:** Através de conversas com os pais, sabe se recorrem a estratégias utilizadas por si para controlar a birra dos seus filhos em casa?

**Resposta:** De que eu tenho conhecimento não. (risos) de que eu tenha conhecimento não. Nunca houve ninguém eu dissesse “olhe fiz aquilo que a professora costuma fazer”. Pelo menos eles dizem-me que falam com os filhos que é uma coisa que eu faço aqui dentro, primeiro o diálogo, primeiro tentar perceber o que se passou e depois então é que vemos que consequências é que poderá ter. hum, alguns dizem que falam muito com os filhos e que tentam perceber mas nunca me disseram “olhe fiz aquilo que a professora fez na escola”, isso nunca ninguém me disse.

Transcrição entrevista 3

**Pergunta:** Com crianças com estas idades considera as birras uma manifestação frequente/normal?

**Resposta:** Hum, é. Cada vez mais. Cada vez mais os meninos fazem birra quando não lhes fazem as vontades e quando eles são contrariados nalguma atitude que, se há regras na sala de aula, eles têm que as cumprir e quando não cumprem as regras, eu acho que a manifestação mais frequente é fazerem birra, ou a nível de comportamentos ou porque vêm de casa com alguma coisa que lhes correu mal, a reação deles na sala de aula é birra. Portanto a birra é um comportamento muito frequente. Cada vez mais. Imagine os professores fazer birra. O que é que seria? (risos)

**Pergunta:** O que é para si uma birra?

**Resposta:** Uma birra é uma ausência de regras. Eu acho que é uma manifestação que as pessoas têm quando são contrariadas e quando não lhes fazem as vontades, que é o que se vê cada vez mais é as pessoas reagirem com birras quando não querem hum, entrar nas regras que lhes são estabelecidas.

**Pergunta:** Quais são para si as principais causas para a ocorrência de uma birra?

**Resposta:** As causas? Quando as crianças são contrariadas, quando lhes dizem que têm que fazer determinados trabalhos e não querem, hum, quando os meninos estão habituados a fazer tudo aquilo que lhes apetece e quando chegam a uma sala, a um espaço onde há regras que têm que ser cumpridas e eles não as querem cumprir, fazem birra. Até há crianças que não lhes apetece trabalhar e porque se lembram que não querem trabalhar, fazem birra. Pronto, até perante o próprio trabalho. É uma recusa que eles fazem, é uma forma de recusar alguma coisa que têm de fazer.

**Pergunta:** *Existem algumas crianças que têm comportamentos agressivos durante uma birra. Já presenciou ou vivenciou uma situação destas? O que fez para a resolver? Qual considera ser a melhor forma de atuação nestes casos? Porque acha que isto sucede?*

**Resposta:** Já! Já! Já! Eu acho que perante uma birra o que se tem que fazer é hum, tentar falar, eu acho que o diálogo e o debate, perante o motivo que leva à birra, é o principal. E eu quando isso acontece tento hum, entrar um bocadinho pela parte do diálogo, da reflexão, a criança dizer o porquê, a criança perceber o que é que está a fazer, se é correto. Portanto, levar a própria criança a pensar no que está a fazer no momento e as consequências que poderam ter, ele próprio reconhece as consequências, o que é que será que a partir da birra, será que há alguma coisa benéfico para ele? Será que a birra o leva a alguma coisa positiva. Portanto é isso que eu costumo fazer e tenho aqui muitas.

**Pergunta:** *Na sua opinião, existem estratégias que possam prevenir a ocorrência de algumas birras? Quais?*

**Resposta:** Não, eu acho que as estratégias é cada caso é um caso. Eu acho que para nada destas coisas há estratégias e como lhe digo também as birras também é um reflexo um bocadinho do que vem detrás, da família. Hum e eu digo muitas vezes que estas crianças de agora não, em casa, não têm as regras que deveriam ter. em casa os meninos falam quando querem, hum quando lhes pedem ou quando lhes dão as coisas é porque é para estar quieto “olha toma lá. Vais brincar com o computador ou com o tablet porque assim não nos aborreces”. Portanto, se as regras não são exigidas noutros espaços e são exigidas na escola, portanto vêm as birras muitas vezes. Portanto, eu acho que não há idades para haver birras. Não digam que os meninos pequeninos fazem birras porque são pequeninos. Talvez as primeiras idades as crianças não compreendem, não é? Mas mesmo no jardim de infância, no infantário, eu acho que se deve aí tentar incutir ao menino que a birra não vai levar a

caminho nenhum. A criança não tem benefícios depois de uma birra e o que eu acho triste é que neste momento não são só crianças que fazem birras como cada vez mais encontramos adultos a fazer birras. Portanto, estratégias acho que não há estratégias. Eu acho que as crianças e os adultos devem pensar que vivemos em sociedade e não devemos estar a ter a nossa liberdade, hum, a prejudicar a liberdade dos outros. Percebe? Portanto cada um tem o seu espaço, mas temos que respeitar o espaço dos outros. A birra para mim não.

**Pergunta:** *Que estratégias se podem utilizar para contornar uma situação de birra quando esta está a decorrer? Tem alguma experiência que tenha vivido e que queira partilhar? Considera que, nestas idades, existem circunstâncias mais propensas à ocorrência de birras? Que fatores podem estar associados à manifestação das birras? Pessoais? Familiares? Escolares?*

**Resposta:** Já respondi. Perante a birra eu vou essencialmente para a parte do diálogo, tento que a criança acalme. Hum não vou fazer birra porque um adulto se faz birra porque a criança está a fazer birra, eu acho que isso indica que a criança percebe que se calhar vai num bom caminho. Eu acho que o principal é a criança ao escrever quando os adultos são mais, só têm o terceiro ano ou final do segundo ano. Perante uma atitude destas, eu muitas vezes peço à criança para escrever o porquê da birra, se não quer falar, tem um caderninho, tem uma folha e talvez a forma de escrever porque é que estás a fazer birra? Achas que há motivos para a birra? Hum, e muitas vezes há comportamentos que acontecem na escola, aqui na minha sala, que a birra não é por nada que acontece de imediato. Ou porque foi o pai que lhe disse logo à tarde não o iam levar ao McDonalds e a criança vem com birra, ou porque queria ir brincar com o amigo e a mãe disse que hoje não podes ir a criança vem mal disposta porque está birrenta e então não tira as coisas da mala porque não quer trabalhar porque vem zangada. Portanto, isso são indícios de alguma coisa que está a funcionar mal, família. Eu não estou a deitar as culpas todas para a família, mas eu acho que isto são aspetos que se devem trabalhar não só na sala de aula como em casa, como no ATL, como nos infantários. Isto é um comportamento que se reflete talvez por muitos, muitos condicionantes.

**Pergunta:** *Acha que as vivências em casa influenciam a manifestação das birras das crianças no jardim-de-infância/escola? Porquê?*

**Resposta:** acho que sim. Não digo que seja a 100%, mas acho que muitas das vivências de casa, tudo, todas as vivências de casa refletem-se na escola. E assim como eles passam aqui muito tempo e levam as vivências da escola para casa, eles também trazem muitas vivências de casa para a escola. E sabe que quando eu tenho problemas de birras, problemas de

comportamentos, problemas que eu às vezes não percebo o porquê desses acontecimentos. Uma coisa que eu faço é entrar em contacto com o encarregado de educação. Eu tenho vários casos em que diariamente, semanalmente, hum, eu tenho contactos com encarregados de educação e neste momento eu já articulei com alguns encarregados de educação que não sou eu que escrevo na caderneta mas as crianças têm um caderninho, o caderno de casa e sempre que há atitudes de birras, maus comportamentos, mau comportamento e mau comportamento não é só na sala de aula, é no recreio, é no refeitório, são eles que agarram o caderno e escrevem para casa o que é que aconteceu. E nós pensamos que as crianças muitas vezes escondem e é giro, é que eles têm muito mais facilidade em ser sinceros ao escrever do que ao falar. Porque eu ao dar um caderno de casa a um aluno, “vá agora escreves aqui o que é que se passou.” Que é para nos percebermos o que é que se passou e nós ao lermos o que lá está, a criança muitas vezes escreve a realidade daquilo que aconteceu, se estivermos a falar com ele ou porque está um bocadinho intimidado com a nossa presença por vezes não diz, não consegue. Portanto a nível da escrita e da partilha não só com a professora, mas também com o encarregado de educação. Muitas vezes não é com o objetivo de haver castigo em casa, mas sim para que o encarregado de educação ou a família tenha conhecimento dos comportamentos e das tais birras que existem na escola. Ainda ontem, dois levaram recados. Só soube que se tinha portado mal no refeitório, a mim disseram-me, mas eles escreveram tudo o que fizeram. Eu achei giro porque eles escreveram “eu ontem no refeitório portei-me mal, fiz isto, entornei.” Portanto eles escrevem tudo, percebe? Eu acho que é essencial haver um envolvimento parental na escola, em tudo, birras, sucessos, e outra coisa, um aluno de birras, um aluno de mau comportamento também tem por hábito valorizar sempre que há alguma coisa positiva. Não é só dizer que fez birra. Não, se um aluno está num comportamento mais negativo, se tem uma atitude que eu acho que está a evoluir ou porque se está a esforçar, eu acho que é muito importante também haver essa partilha com a família. E assim como eu sou capaz de penalizar porque fez birra ou falar eu sou capaz de chegar e dizer “olha, estas a ver, hoje portaste-te muito bem. Estás a ver, percebeste que...”. Eu acho que devemos sempre dar o benefício à criança e não concessões sempre, não é a parte sancionatória de estarmos a penalizar a criança mas também o ajudar a crescer e a conversa que por vezes temos com eles sobre o porquê da birra é para perceber isso e se calhar encaminhá-lo e perceber não podes voltar a fazer, porque isto não é correto. É ajudá-los a crescer muitas vezes.

**Pergunta:** *É habitual os pais partilharem consigo as birras que ocorrem fora do jardim-de-infância/escola?*

**Resposta:** Sim. Sim. E muitas vezes quando eu acho que há qualquer coisa que não está bem sou eu que chamo os pais e pergunto o que é que se passa e muitas vezes à

comportamentos que a escola se não souber que há determinados problemas familiares, com amigos, às vezes até o futebol ou o grupo da nataçãõ, ou o grupo da ginástica, eles às vezes têm conflitos ou têm problemas não na escola mas isso reflete-se, portanto é bom nós professores termos conhecimento de algumas situações que ocorram fora da escola.

**Pergunta:** *Havendo essa partilha, é habitual partilharem estratégias para lidar com essas birras?*

**Resposta:** Esta do caderno diário, por exemplo. Hum, muitas vezes também houve alturas em que havia pais que diziam que eles, o castigo que lhes davam era a nível da escrita. Cada vez que ele levasse um recado para casa, os pais obrigava-os a fazer as por escrito. Pronto, levava-os à escrita ou à leitura ou momentos de leitura. Eu acho que também sou um bocadinho que nós professores e encarregados de educação não devemos ir pondo sempre de castigo, tirar a televisão, tirar a bicicleta, porque a criança precisa de brincar. Portanto, eu acho que sempre que nós falamos família escola e dizemos alto “temos aqui um sinal vermelho”, há qualquer coisa que está a acontecer. As crianças são muito permeáveis, portanto, eles não são impermeáveis, eu acho que a criança absorve tudo o que nós lhes dizemos. Se a criança está com um problema, seja da birra, seja da partilha que esteja, eu acho que nós adultos, o nosso papel é ajudar e levá-los a perceber o que é correto e o que não é correto. E eu acho que se a criança tiver alguém que o consiga ouvir, alguém que consiga falar e a mãe diz “olha eu sei que tu hoje na escola te portaste mal, tu trouxeste este recado, explica porque é que isto te aconteceu”. Eu acho que é muito mais, eu acho que tem um efeito muito mais positivo na criança do que a mãe dizer “olha mas isto não volta a acontecer, eu vou tirar a televisão, vou te tirar os jogos, vou te tirar tudo e não vais ao futebol”. Não, a criança precisa de ir ao futebol, a criança precisa de brincar, mas também precisa que alguém a ouça e que alguém a ajude, se calhar a tentar perceber o que é que, o que fazer e para não ter estes comportamentos.

**Pergunta:** *Através de conversas com os pais, sabe se recorrem a estratégias utilizadas por si para controlar a birra dos seus filhos em casa?*

**Resposta:** Depende dos pais. Depende. Como lhe digo, depende. Há pais que vão para pedagogia e há pais que vão para a ausência de tudo o que a criança gosta. Eu sou apologista, não da parte de retirar porque a criança precisa de correr, a criança precisa de brincar, a criança precisa de sua parte, a criança precisa de ser criança. Mas tem que perceber que para se ser criança não há só direito, também há deveres. Ela também tem de perceber eu sou criança, mas eu devo isto, ela tem os seus deveres e tem que perceber que estão na escola,

estão aqui para trabalhar e que há espaço para brincar, há espaço para trabalhar. Uma coisa que eu não permito e que não gosto e que não quero é que a criança que não quer, faz birra e perturba o trabalho de quem quer trabalhar. E é aí sempre que eu os levo a perceber que não estão sozinhos, é um grupo de 26 crianças. Se vocês estão com uma birra, se vocês estão com comportamento que hum, prejudica o trabalho dos colegas isso faz com que não sejas tu a trabalhar, mas que os teus colegas também não possam fazer. Portanto é nesse sentido que eu levo sempre as crianças a perceber que a birra não leva a caminho nenhum nem para eles, nem para o sítio onde eles estão que é prejudicar o trabalho dos colegas. Por acaso estou farta, estou minada de birras aqui, tenho aqui uma menina a fazer ficha porque faz birra a todo lado. a birra dela é porque queria estar a fazer a ficha com uma barbie na mão. Queria estar a fazer com a barbie. Eu disse-lhe “a barbie não pode estar a fazer a ficha contigo”. Pronto, ficou aqui, e eu disse olha a tua nota, é a nota que tu tens, depois explicas porque é que tiveste, mas pronto lá percebeu que não podia ficar com a barbie e lá fez a ficha, mas a primeira reação da menina foi dizer que não queria fazer. Percebe? São comportamentos de uma infantilidade que eu... porquê? Se calhar noutras situações para ela não fazer birra diz “então está bem, até podes comer com a barbie na mão, até podes tomar banho com a barbie”. Ela em casa, os meninos em casa “ah eu quero a bola, eu quero almoçar com a bola na mão”. Não é correto comer com a bola na mão, mas se calhar para comer, se calhar até o deixam estar a comer com a bola debaixo do braço. E isto depois são comportamentos, eles são pequeninos, então se eu posso fazer isto lá porque é que eu na escola não posso fazer. Estou a divagar um bocadinho. Mas não isto tem de haver em todo o lado. Não é? O menino vai a um café ou vai a um restaurante, o menino no restaurante tem de ter regras. Não pode ficar com os pés em cima da cadeira, mas pronto, ele para comer está habituado. Não, não pode estar habituado. Eu acho que tem de haver regras para eles perceberem que é para tudo. Estamos em sociedade e vivemos em sociedade e é para toda a gente. Eles são pequeninos, têm de crescer com essas regras e depois vêm as birras.

Anexo 3: Tabela de análise dos dados obtidos

Categoria	Subcategoria	Unidades de registo	Número de unidades de registo	Número de sujeitos
Fatores condicionantes das birras	Reação face à contrariação	“Não sabem ouvir a palavra não.”	5	2
		“É uma recusa.”	8	2
		“Há regras que têm de ser cumpridas e eles não as querem cumprir.”	7	3
		“...algo não correu a seu favor...”	1	1
		“Frustram perante uma situação que não é favorável a eles.”	1	1
		“Formar de manifestar o descontentamento”	5	4
		“Resultado de um travão à nossa vontade.”	5	4
		“Quando são contrariados.”	5	5
		“Cada vez há mais birras porque não têm aquilo que querem.”	2	2
	Egocentrismo	“As birras são por eles serem um bocadinho egoístas e egocêntricos.”	5	3
		“Têm muita tendência a olharem apenas para si próprio.”	2	2
		“Não são capazes de ouvir o outro.”	1	1
		“...eu queria, eu não fiz, eu não li, eu, eu, eu. É a palavra que eles mais conhecem...”	1	1
	Família	“Em casa não têm as regras que deveriam ter.”	2	2
		“nem sequer se põem em causa o serem filhos únicos ou irmãos.”	1	1
		“Vivências em casa refletem-se na escola.”	1	1
		“Sem tempo para os seus filhos.”	1	1
		“Um ambiente em casa que não seja favorável ao seu desenvolvimento.”	4	3

		“Trazem essa frustração.”	2	2
		“...falta de atenção que “belisca” o ego da criança.”	2	2
	Escolares	“Já tive relatos de birras em relação aos trabalhos de casa”	2	2
		“...acham que o colega foi favorecido em relação a eles...”	1	1
		“quando lhes dizem que têm que fazer determinados trabalhos e não querem...”	1	1
		“...as regras não são exigidas noutros lugares e são exigidas na escola...”	1	1
	Fisiológicas	“Quando são mais pequeninos... mau estar fisiológico... o sono, a fome.”	2	2
		“Estar muito cansado.”	5	2
		“...quando já estão num ponto de saturação...”	1	1
	Pessoais	Quando são mais crescidinhos... sentimento de pertença.”	1	1
		“Sentimento de posse.”	1	1
		“...confunde-se muitas das vezes com a falta de educação...”	2	2
		“...ele quiere-se afirmar...”	2	2
		“... costumam acontecer e é normal acontecerem.”	2	2
Estratégias para ultrapassar a birra	Autocontrolo da criança	“Aprender a dominar e a controlar alguns comportamentos, algumas emoções.”	2	2
	Estratégias situadas na família	“A estratégia passa mesmo por casa.”	1	1
		“Passa muito pela educação base.”	1	1
		“... investir numa cultura familiar, em que a criança passe mais tempo em casa a descansar e a brincar.”	1	1
		“se em casa estiver um ambiente tranquilo, mesmo que haja birras, (...) supera-se muito mais facilmente.”	1	1

		“...levá-los a perceber o que é correto e o que não é correto.”	1	1	
		“não devemos ir pondo sempre de castigo, tirar a televisão (...) porque a criança precisa de brincar.”	3	2	
	Análise/ Conversação com a criança	“Tentar falar com eles, perceber o ponto de vista deles e perceber o que é que se passou.”	12	6	
		“Levar a própria criança a pensar no que está a fazer... e as consequências que podem ter.”	3	3	
		“...retiro-a do grupo ou (...) sento-a ali ao pé de mim.”	2	2	
		“Peço à criança que escreva o porquê da birra.”	1	1	
		“...eles têm muito mais facilidade em ser sinceros ao escrever do que ao falar.”	1	1	
		“...negociação com a criança.”	1	1	
	Autocontrolo	“Tentar que a criança acalme.”	5	4	
		“Fazer exercício de relaxamento.”	1	1	
		“Colocar uma música calma.”	1	1	
		“...tentar ensinar a gerir a raiva interior...”	1	1	
	Articulação entre família e escola/jardim- de-infância		“Dizem que falam com os filhos que é uma coisa que eu faço aqui...”	1	1
			“Aquele diálogo de manhã... entre os pais e a educadora.”	1	1
“Nós tentamos sempre... aconselhar.”			2	2	
“Essencial haver um envolvimento parental.”			2	2	
“Só uma relação de parceria pode resolver as angústias, as birras (...) que exista com uma criança.”			1	1	

Anexo 4 – Grelha do bem-estar e do envolvimento - creche

Atividade sobre o tato

Crianças Nomes	Nível geral de bem-estar				Nível geral de Implicação				Implica-se muito em...	Não se implica muito em...	Comentários
	Baixo	Médio	Alto	?	Baixo	Médio	Alto	?			
Francisco		X					X				
Maria Inês		X				X					
Francisco M.		X				X					
João		X					X				
Constança		X				X					
Madalena		X					X				
Maria		X					X				
Rafael		X					X				
Carminho	X				X						
Margarida		X				X					
Matilde		X					X				
Carolina		X				X					
Maria do Mar		X				X					
Francisca		X				X					
Leonor		X				X					
Diana		X				X					
Rita											

Atividade sobre o paladar

Crianças Nomes	Nível geral de bem-estar				Nível geral de Implicação				Implica-se muito em...	Não se implica muito em...	Comentários
	Baixo	Médio	Alto	?	Baixo	Médio	Alto	?			
Francisco		X				X					Não quis comer
Maria Inês		X			X						Começou com birra/ Ficou mais bem-disposto
Francisco M.		X				X					
João			X				X				
Constança		X				X					
Madalena		X				X					
Maria		X				X					
Rafael											
Carminho		X				X					
Margarida		X				X					
Matilde		X			X						Não gosta
Carolina		X				X					Não gosta
Maria do Mar											
Francisca		X			X						Não quis comer
Leonor		X				X					
Diana		X				X					
Rita											

Anexo 5 – Grelhas de registo de observação/avaliação – Jardim-de-infância

Atividade Jogo da memória

Dia 25 de maio – semana de intervenção da Tânia

Nome	Consegue fazer corresponder as peças do puzzle de modo a formar a imagem do transporte			Consegue dizer que meio de transporte se encontra nos puzzles		
	Sim	Algumas vezes	Não	Sim	Alguns	Não
L						
M. F	X			X		
M. B						
P	X			X		
D		X				
M. L	X					
R		X				
C	X			X		
S		X				
V	X					
T						
M. C						
T	X			X		
M		X		X		
M. F	X					
M. G		X				
J P		X				
F. M						

M		X		X		

Atividade Puzzle

Dia 10 de maio – semana de intervenção da Tânia

Nome	Participa na conversa relembrando o dia anterior			Consegue dizer quais os meios de transporte que não se encontram na história			Consegue descobrir os “pares” dos cartões		
	Sim	Às vezes	Não	Sim	Alguns	Não	Sim	Às vezes	Não
L									
M. F	X				X		4ªTENTATIVA		
M. B		X				X	PENÚLTIMA		
P	X				X		2ªTENTATIVA		
D			X						
M. L				X			2ªTENTATIVA		
R		X			X				

C		X					4ªTENTATIVA		
S									
V			X			X	5ªTENTATIVA		
T									
M. C		X			X		X		
T			X			X	3ªTENTATIVA		
M		X			X		4ªTENTATIVA		
M. F		X			X				
M. G		X			X				
J.P	X				X				
F. M									
M	X				X		X 1ªTENTATIVA		

Anexo 6 – Grelhas de registo de observação/avaliação do 1º ciclo (1º ano)

	Consegue realizar os circuitos autonomamente		Consegue seguir as regras do jogo		Coopera com os colegas nos jogos de grupo		Participa no debate	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Alexandre	X			X		X	X	
António		X	X		X			X
David	X		X		X		X	
Eduarda	X			X		X		X
Francisco	X			X		X	X	
Gabriel	X		X		X		X	
Gonçalo	X		X			X	X	
Guilherme		X	X		X			X
João	X		X		X		X	
Lorena		X	X		X			X
Marta	X			X		X	X	
Pedro	X		X			X	X	
Raul	X			X		X		X
Rodrigo	X			X		X		X
Tiago	X			X		X		X
Tomás	X		X		X		X	
Vitória	X		X			X		X
Xenia	X		X	X				X

Anexo 7 – Grelha de registo de observação/avaliação do 1º ciclo (3º ano)

16 de maio	Consegue realizar a interpretação do texto autonomamente (português)			Consegue realizar os exercícios autonomamente (Matemática)			Consegue manobrar os utensílios da plástica utilizando-os corretamente (expressões)		Participa no debate sobre a multiculturalidade (EDC)	
	SIM	+/-	NÃO	SIM	+/-	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
B	X			APOIO			X			X
D	CHEGOU ATRASADO				X		X		NÃO ESTEVE	
E	X			X			X		X	
F		X		APOIO			X			X
IS	X				X		X		X	
IV		X		APOIO			X		X	
JE	-----			----			X		X	
JA	X			X			X		X	
JF	X			X			X			X
L	X			X			X		X	
L	X			X			X			X
M	-----			----			X		X	
M	X			X			X			X
ML	X			X			X			X
MC	X			X			X			X
MC	X			X			X		X	
MC	X			X			X		X	
ME		X			X		X		X	
MC	X				X		X		X	
M		X		APOIO			X		X	
P	X			---			X		X	
RT	X			APOIO			X		X	
RR			X		X		X		X	
S	X				X		X		X	
T	APOIO				X		X			X

v	x			x			x			x
---	---	--	--	---	--	--	---	--	--	---